



Universidade de Lisboa  
Faculdade de Letras

**Imagens da Coreia do Norte:  
representações da realidade norte-coreana em relatos de  
viagem contemporâneos**

Mestrado em Estudos Comparatistas

Maria Helena Mendonça Marques

2024

Dissertação especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre,  
orientada pela Doutora Ana Catarina Dias Nunes de Almeida

## Índice

Resumo .....	3
Abstract.....	4
초록.....	5
Agradecimentos .....	6
<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1: A representação da Coreia do Norte na atualidade .....</b>	<b>13</b>
1.1 Referências canônicas e estereótipos.....	15
1.1.1 O “eixo do mal” .....	15
1.1.2 O país mais isolado do mundo .....	17
1.1.3 Um Estado de culto.....	20
1.1.4 Um Estado teatral.....	22
<b>Capítulo 2: Um destino, três viagens.....</b>	<b>25</b>
2.1 A representação de espaços estrangeiros em relatos de viagem .....	26
2.2 A Coreia do Norte como destino de viagem.....	28
2.3 Relatos de viagem à Coreia do Norte .....	30
2.3.1 <i>Dentro do segredo: uma viagem na Coreia do Norte</i> (2012) de José Luís Peixoto .....	30
2.3.2 <i>See you again in Pyongyang: a journey into Kim Jong-Un’s North Korea</i> (2018) de Travis Jeppesen.....	35
2.3.3 <i>North Korea Journal</i> (2019) de Michael Palin.....	39
<b>Capítulo 3: Imaginar a Coreia do Norte através de relatos de viagem.....</b>	<b>46</b>
3.1 A Coreia do Norte como um lugar com História .....	46
3.2 A Coreia do Norte em mudança.....	50
3.3 A dimensão quotidiana da vida na Coreia do Norte.....	55
3.4 Representações da humanidade norte-coreana .....	61
<b>Conclusão.....</b>	<b>66</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>69</b>

## **Resumo**

A Coreia do Norte tem sido conhecida até aos nossos dias sobretudo através de imagens divulgadas no contexto mediático internacional. No sentido de alargar o escopo de perspetivas e olhares sobre este espaço estrangeiro, bem como de apresentar formas alternativas de o entender, nesta dissertação é estudada a representação da Coreia do Norte recorrendo a um suporte discursivo diferente do habitual: os relatos de viagem. Pondo em confronto estereótipos e algumas das imagens veiculadas nas obras escolhidas, procura-se compreender e determinar os contornos do imaginário construído acerca deste país. Paralelamente, interroga-se ainda o modo como a representação da Coreia do Norte poderá estar a mudar ao cabo da última década, decorrente do crescente empreendimento de viagens semelhantes ao território norte-coreano.

**Palavras-Chave:** Coreia do Norte; representação; imaginário; relatos de viagem

## **Abstract**

Until today, North Korea has come to be known through images spread in the international mediatic context. In trying to broaden the scope of perspectives and viewpoints about this foreign space, as well as to introduce alternative ways to understand it, the North Korean representation is hereby studied through a less conventional medium: travel writing. Opposing stereotypes and some of the images conveyed in the chosen literary works, we aim to grasp and determine the outlines of the constructed imaginary about this country. Concurrently, it is interrogated how North Korea's representation might be changing over the last decade's span, also due to the increase in the number of trips to the North Korean territory.

**Keywords:** North Korea; representation; imaginary; travel writing

## 초록

현재까지 북한은 국제 미디어에 공개된 이미지를 통해 알려져 왔다. 이 이국적인 공간에 대한 시야와 관점을 확장하고 이해하는 대안적인 방법을 제시하기 위해 본고에서는 일반적인 방법과 다른 ‘기행문’이라는 방법을 통해 북한의 대표성을 연구하였다. 선택된 작품에서 표현된 북한에 대한 고정관념과 일부 이미지와 대립적 논조로 이 나라에 대해 구성된 이미지를 이해하고 그것이 취하는 형태를 명확하게 하고자 한다. 이와 함께 지난 10년간 북한 지역의 여행 횟수 증가로 인해 북한의 대표성이 어떻게 변화했는지에 대해서도 조사하였다.

주제어: 북한; 대표성; 이미지; 기행문

## Agradecimentos

Quando comecei a trabalhar nesta dissertação estava ainda a fazer Erasmus em Tübingen, na Alemanha, e quis o destino que viesse a concluí-la em Seul, na Coreia do Sul, lugar com o qual sonhei durante todo o percurso. Desta dispersão geográfica resultou a leitura e o acesso imprevisível a certos textos (que noutras circunstâncias não teria podido encontrar), bem como inesperados encontros e conversas que incentivaram a contínua expansão da minha curiosidade pela História e pela cultura da península coreana, e, em especial, pela sua literatura. Apesar do local de início e de fim desta dissertação não ser território português, a verdade é que grande parte do processo de investigação e de escrita foi passado em Portugal (sobretudo em Lisboa, mas também em certos períodos na minha terra natal na Beira Baixa, Alcains) e é lá que estão aqueles a quem devo o maior quinhão dos meus agradecimentos.

Quero começar por agradecer, naturalmente, à minha orientadora Doutora Catarina Nunes de Almeida pelo tempo que dedicou à leitura das muitas versões desta dissertação, pela minúcia com que reviu cada uma das suas partes e pela disponibilidade para conversar comigo e clarificar ideias em momentos de grande impasse da sua elaboração. Em seguida, quero agradecer ao Philipp, amigo e companheiro de trabalho com quem partilhei a mesa na biblioteca, diariamente, no decorrer das nossas investigações. Pelas várias leituras do meu texto, pelos conselhos e pelas palavras de encorajamento, obrigada. Agradeço também aos meus amigos, aqueles que me acompanharam desde o início e aqueles que a redação desta dissertação me permitiu conhecer. Entre os almoços na cantina, os encontros das *Noites de Poesia* e a persistente e constante receção de mensagens e telefonemas, vindos de várias partes, a perguntar como está a tese e sempre acompanhados de palavras de ânimo, posso dizer que não poderia ter estado em melhor companhia. Foi em conversas entre amigos que encontrei não só o conforto e a compreensão que precisava, mas também, por meio delas, o amadurecimento intelectual e da sensibilidade poética. À Mariana, à Maria, ao João, à Bárbara, ao Vicente, ao Rui, ao Filipe, à Maria da Paz, à Joana, à Ana Teresa, à Miriam, um sincero obrigada.

Quero fazer uma menção especial à Birgit Geipel, professora de literatura coreana na Universidade de Tübingen, e agradecer-lhe as longas conversas pela tarde fora em que partilhamos o nosso grande interesse e paixão pela língua e literatura coreanas. Agradecer-lhe também o aconselhamento bibliográfico e a digitalização de livros para a minha pesquisa quando já havia regressado a Portugal. Quero ainda dirigir uma palavra de agradecimento ao Prof. Dr. Pedro Lage Correia por me ter igualmente disponibilizado bibliografia sobre a Coreia, para além do interesse e confiança depositada no meu trabalho. Agradeço também à prof. Park Jihyun, minha professora de coreano num dos semestres que frequentei recentemente na Universidade de Yonsei, a sua revisão à tradução para essa língua do resumo que consta nesta tese.

Ainda, quero agradecer ao Luís Miguel Cintra e ao Alberto Manguel que, apesar de não constarem na bibliografia, são aqueles que, durante o processo de redação deste trabalho, me ensinaram a escrever.

Deixo para último aqueles que são para mim os mais importantes, e agradeço, por fim, à minha família. À minha mãe e ao meu pai, ao meu irmão José e às minhas irmãs Sara e Inês, um enorme obrigada. O vosso incansável apoio – seja através do conforto de boa comida e doces, seja pelo abraço pronto, pela disponibilidade para ouvir os meus muitos queixumes, pelas mensagens de alento ou pela incansável companhia ao cabo de manhãs e tardes inteiras de escrita – deixa-me, enfim, sem palavras.

Termino, à moda da Beira Baixa:

**Bem-haja.**

## Introdução

A República Popular Democrática da Coreia (RPDC), mais conhecida como Coreia do Norte, não é exatamente o tipo de lugar que se associa à partida a um destino de viagem. Perigoso, isolado, intrigante talvez, o território norte-coreano surge mais como um lugar a evitar do que um lugar ao qual se queira prestar uma visita. Sendo a Coreia do Norte representada nos *media* como uma ameaça à segurança internacional (noticiada nas manchetes televisivas cada nova experiência nuclear), e lembrada pela ditadura perpetuada ao cabo de três gerações, a imagem deste país que é divulgada no exterior é notoriamente negativa. Devido à sua complicada relação com a comunidade internacional, e vice-versa, à qual subjazem problemas de cariz político e humanitário, o estudo da RPDC tem-se cingido, maioritariamente, às áreas das ciências políticas e das relações internacionais. Como tal, pensar a representação deste espaço estrangeiro através de relatos de viagem, como se pretende nesta dissertação, pode causar alguma estranheza.

Esta escolha invulgar prende-se, antes de mais, com a necessidade de percorrer formas alternativas de estudo e de conhecimento da Coreia do Norte que permitam expandir o âmbito a partir do qual, até agora, a investigação acerca deste país tem estado circunscrita. Como refere David Shim em *Visual Politics and North Korea: Seeing is believing* (2014), a RPDC é «[c]ontinually made meaningful and problematized in terms of the political and the international, almost every aspect, area or action of this oft-called ‘pariah’ or ‘rogue’ state is said to have inherent political dimensions and international repercussions» (2013: 1). Afastando-se da abordagem política que tem vindo a definir o modo como a Coreia do Norte é entendida, este estudo irá incidir sobre relatos de viagem para analisar as representações da RPDC aí veiculadas. Irei então pôr em diálogo imagens estereotipadas<sup>1</sup> deste território com aquelas encontradas nas obras em estudo, destacando a elaboração de imagens alternativas da Coreia do Norte nestas narrativas. Esta investigação constitui também uma oportunidade para considerar múltiplos modos de representação da realidade norte-coreana, procurando, assim, contribuir para um entendimento mais amplo desse país.

No presente estudo, serão analisados três relatos de viagem, todos eles escritos ao longo da última década. São eles: *Dentro do Segredo: uma viagem na Coreia do Norte* (2012)

---

<sup>1</sup> Na definição proposta por Machado e Pageaux, que me serve de base para este estudo, o «estereótipo» corresponde ao «enunciado de um saber colectivo que se pretende válido, seja qual for o momento histórico ou político. Mensagem essencial [...] porque se apoia num atributo e o generaliza a ponto de o tornar aparentemente essencial». Ainda, «[s]endo uma redução extrema da informação, ele é também uma forma ideal de comunicação das massas» (Machado e Pageaux, 2001: 59-60).

de José Luís Peixoto, *See you again in Pyongyang: a journey into Kim Jong Un's Korea* (2018) de Travis Jeppesen e *North Korea Journal* (2019) de Michael Palin. Entre os relatos de viagem à Coreia do Norte disponíveis em língua portuguesa e inglesa, haverá talvez menos de uma dezena de livros. O critério que me fez optar pelo estudo destas obras, em detrimento de outras, teve que ver, primeiramente, com o facto de estas veicularem um conjunto de imagens da Coreia do Norte que mostram diferentes dimensões dessa realidade, surgindo, por vezes, em oposição a algumas das representações que dominam o imaginário deste país. Veremos que os autores empreendem viagens de natureza distinta que conduzem a um contacto diferenciado com aquele país, apesar das suas muitas experiências comuns. Esta variedade, aliada à vontade dos autores em dar a conhecer um lado diferente da realidade norte-coreana, resultará na produção de textos que transmitem olhares alternativos sobre este país, tratando-se, portanto, de instrumentos importantes para repensar a forma como a Coreia do Norte é tendencialmente representada nos nossos dias.

Esta dissertação segue uma estrutura tripartida. No primeiro capítulo, começa-se por identificar alguns dos *topoi* que estão na base da construção de um imaginário comum sobre este lugar e que ajudam a definir o contexto atual de representação da Coreia do Norte. Para isso, recolhem-se múltiplas imagens de entre trabalhos elaborados na área dos Estudos Norte-Coreanos, servindo estes de enquadramento para a síntese e problematização dos estereótipos que estão por detrás de um modo particular de olhar este país.

No segundo capítulo, procede-se à análise individualizada de cada um dos relatos de viagem, dando atenção às diferentes circunstâncias, interesses e motivações por detrás das respetivas visitas à RPDC. Tratando-se não apenas de uma secção que introduz as obras a serem estudadas, observa-se já como estas veiculam uma singularidade de experiências nesse país, bem como interpretações distintas, que contrastam com a uniformidade de pensamento identificado no capítulo anterior. Para explicar isto mesmo, destaca-se ainda o facto de os autores contactarem com a RPDC por uma via ainda pouco explorada do ponto de vista literário: a Coreia do Norte como destino de viagem.

Por fim, no terceiro e último capítulo, são isoladas e analisadas, em maior detalhe, algumas representações do território norte-coreano encontradas nestes relatos, cujos motivos são transversais às três obras, permitindo estabelecer um diálogo com os *topoi* da RPDC identificados na primeira parte deste estudo. Aqui, observa-se como as imagens veiculadas por estes textos contribuem para expandir o imaginário relativo a este país ao descreverem determinados elementos que tipicamente não se encontram entre as representações mais convencionais deste “espaço estrangeiro”.

Ao longo desta dissertação, irei, portanto, apresentar e analisar múltiplas imagens da Coreia do Norte. A sistematização de várias representações desta realidade num só estudo pretende, assim, suscitar uma continuada reflexão sobre o modo como imaginamos aquele país, bem como uma perceção mais consciente acerca da complexidade de dimensões da Coreia do Norte ainda por conhecer. Na verdade, o estudo das representações da Coreia do Norte encontra-se ainda numa fase muito inicial, sendo apenas nas últimas duas décadas que os Estudos Norte-Coreanos começaram a ganhar o estatuto de área de investigação. Desde o seu despontar, na década de 1990, assistiu-se a um crescimento considerável da produção académica sobre o país, apesar de estes trabalhos atraírem apenas um pequeno nicho de leitores interessados. É ainda, sobretudo, através dos meios de comunicação social que nos chegam imagens daquele país e que se vai construindo um imaginário comum acerca da RPDC. A leitura de relatos de viagem, apesar de reunir um conjunto mais aprofundado e sistemático de informações e imagens deste lugar, tem um alcance mais reduzido. Assim, apesar de podermos encontrar várias propostas de análise dos discursos e das imagens produzidas acerca da RPDC nos *media*, é ainda escasso o recurso aos estudos literários para interpretar a representação daquele país.

As poucas monografias que encontrei dedicadas a um estudo desta natureza fazem-no a partir da análise de imagens fotográficas da Coreia do Norte e do discurso político internacional. Refiro-me aos livros *Visual Politics and North Korea: Seeing is believing* (2014) de David Shim e *Re-imagining North Korea in International Politics: problems and alternatives* (2016) de Shine Choi. Ambos identificam a especificidade de um tipo de representação e de compreensão dominante no modo como a RPDC é imaginada, à escala global, o qual vai sendo exposto e desconstruído. Alguns dos lugares-comuns que irei mencionar no primeiro capítulo são também por eles referenciados. David Shim, que estuda a representação visual da RPDC, considera que a articulação das imagens tem um valor universal e que, ao contrário do que por vezes acontece, não deveriam ser caracterizadas de ocidentais ou “não ocidentais”, mas antes entendidas de forma mais ampla: «the ways in which North Korea is represented in images cannot necessarily be tied whatsoever to a “Western” or “non-Western” domain [...] but has, rather, to be conceived of in terms of a more overarching representational framework that prescribes how North Korea both looks and how it is to be looked at» (2014: 46). Do mesmo modo, nesta dissertação não adotarei este tipo de terminologia (“ocidental” ou “não ocidental”) para me referir às representações da Coreia do Norte, mas recorrerei antes a termos como “dominantes”, “convencionais”, “comuns”, “habituais” para falar das imagens e do imaginário que é partilhado e, de certo modo,

reconhecido internacionalmente.<sup>2</sup> Esta escolha de palavras permite-me permanecer num plano de discussão que não está culturalmente determinado, mas que favorece a reflexão sobre questões de identidade e de alteridade num sentido mais amplo, de acordo com a metodologia de análise dos textos adotada para este trabalho: a Imagologia.

Recorrendo à definição dada por Maria João Simões em *Imagotipos Literários: Processos de (des)configuração na Imagologia Literária*, compreendo esta metodologia teórico-crítica nos seguintes termos:

A Imagologia interroga-se sobre a “imagem” do “outro”, pensa a estranheza e o estrangeiro [...]. A Imagologia entranha-se no território problemático da “representação”, contrapõe alteridades e identidades e, por isso mesmo, interpela-nos a ler nos interstícios das imagens. Ela confronta o nosso enquadramento geográfico, enraizado e territorializado, com a nossa pertença comunicativamente globalizante através do atrito do invisível e do visível plasmados na Literatura. (2011: 10)

A Imagologia corresponde a um ramo de investigação dos Estudos Literários (mais concretamente, da Literatura Comparada) que estuda as representações do Outro veiculadas em obras literárias. Seguindo a abordagem exposta, também neste trabalho se pretende refletir sobre o encontro com a alteridade e sobre aquilo que nasce desse confronto – a imagem do Outro – por meio da escrita: «[s]e as obras literárias, na sua radical diferença, figuram e constantemente reconfiguram a nossa identidade confrontando-a com a diversidade e a “outridade”, a Imagologia literária perscrutará as representações mentais emergentes destes embates» (*ibidem*: 12). Do mesmo modo, neste trabalho irá tomar-se nota de representações que são fruto do confronto direto com a alteridade norte-coreana, não esquecendo que estas são também o produto da realidade e da sensibilidade cultural à qual pertencem os autores.

Gostaria, por último, de esclarecer que esta investigação não se traduz numa busca por uma imagem definitiva da Coreia do Norte, mas sim por um conjunto alargado de imagens a partir do qual este espaço estrangeiro tende a ser imaginado. As possibilidades que a literatura encerra para representar o desconhecido são aqui entendidas como determinantes para subverter expectativas e discursos dominantes, incentivando ao questionamento sobre os preconceitos que geram e solidificam padrões de representação de realidades e espaços estrangeiros. Tal como “[h]oje em dia, um dos principais objetivos da investigação imagológica

---

<sup>2</sup> As imagens da Coreia do Norte a que faço referência, nesta dissertação, também não estão ligadas a um contexto concreto (por exemplo, o discurso internacional acerca da RPDC; o discurso sobre a RPDC nos *media*), uma vez que estas são retiradas não só dos relatos de viagem em estudo, mas da bibliografia citada que tem por tema a Coreia do Norte. Tratando-se da identificação de um panorama de representação da RPDC que é construído com base em estereótipos, estes não estão vinculados a uma área de estudo ou a um meio de representação específicos.

é precisamente a desmontagem dos preconceitos na formação das representações literárias” (*ibidem*: 18), este é também um dos objetivos desta investigação: desconstruir determinados estereótipos para abrir espaço à renovação do imaginário em torno da Coreia do Norte.

## Capítulo 1: A representação da Coreia do Norte na atualidade

North Korea, so menacing, so oppressive, so wildly extreme in its rhetoric, so closed to the world and above all so bizarre to most outsiders, has been the object of fascination and puzzlement. How can we understand such a strange, isolated state?

Michael Seth, *North Korea: A History* (2018)

North Korea is a complex and contradictory country, like anywhere else in the world [...].

Suk-Young Kim, *Illusive Utopia* (2010)

Ao longo da última década, tem-se vindo a banalizar a associação da imagem da Coreia do Norte ao desenvolvimento e à aquisição de novos engenhos nucleares, surgindo cada vez com mais frequência, nas manchetes televisivas, o lançamento de mísseis por parte deste país. Apesar das incertezas quanto às atividades conduzidas dentro do território norte-coreano, ou mesmo sobre o presente estado socioeconómico do país, a verdade é que a relação da comunidade internacional com a RPDC aparenta estar bastante bem definida, segundo uma atitude de mútua desconfiança e distanciamento. Em geral, é possível encontrar muitos pontos comuns entre os discursos e imagens transmitidos acerca da Coreia do Norte nos mais variados *media*, em que é veiculado um entendimento semelhante deste lugar: «[t]he global consensus in academic, specialist and other public realms is that North Korea is a problem: its nuclear ambitions pose a threat to international security, its levels of poverty indicate a humanitarian crisis and its political repression signals a failed state» (Choi, 2016:1). A ideia de que a Coreia do Norte é um problema, expressa por mais do que um autor (veja-se Lankov, 2013: 257), nasce não só no contexto das dissidências políticas quanto ao desenvolvimento de armas nucleares que teve início na década de 1990, mas também da própria História do território norte-coreano.

Desde a sua origem, fruto de um difícil e conturbado passado histórico que culminou na separação das duas Coreias, em 1953, a Coreia do Norte desenvolveu-se segundo um projeto ideológico particular que até agora, aparentemente, não se verga a pressões e tentativas de controlo externo. O reduzido grau de controlo das ações de um país que se recusa a comprometer o fundamento político-ideológico do seu modo de vida constitui, assim, uma das

principais preocupações da comunidade internacional e a razão pela qual a RPDC é considerada, até aos nossos dias, um “estado pária”. Este facto, a par das suas ambições nucleares incontroladas, resulta na imagem segundo a qual este país é hoje conhecido – a imagem de que a Coreia do Norte constitui uma ameaça e um perigo para a comunidade internacional. Estes são, então, alguns dos lugares-comuns – os *topoi* – nos quais assenta o entendimento externo da RPDC, e de cuja identificação se irá ocupar este capítulo.

Correndo o risco de parecer arbitrária quanto à escolha das imagens que considero paradigmáticas do modo como este espaço estrangeiro tem sido representado (sobretudo) na última década, vou buscar muitos destes *topoi* ao trabalho académico, não apenas de uma, mas de diversas áreas de estudo (desde a História à Ciência política, à Antropologia e à Sociologia), que têm por temática comum a Coreia do Norte. Nestes trabalhos, não apenas são problematizados inúmeros discursos e as imagens através dos quais este território tem sido definido, como se identificam problemas e dificuldades que se apresentam à construção de um conhecimento mais abrangente deste país.

O facto de a representação da Coreia do Norte estar tão ligada a uma abordagem e um entendimento político da mesma tem-se tornado um obstáculo a outras formas de conhecimento da realidade norte-coreana, sendo este um dos pontos de partida para a investigação conduzida por Sonia Ryang, organizadora do livro *North Korea: Towards a Better Understanding* (2009). Na introdução deste volume, a autora começa por interrogar: «[d]o concerns about North Korea become legitimate only when they are posited as national security questions? Do we only need to know “nuclear North Korea,” and not “cultural North Korea,” “social North Korea,” or “ethnic North Korea”?» (2). O predomínio de um discurso acerca da Coreia do Norte de cariz nuclear, ao qual remonta a elaboração de certos estereótipos relativos a este território, é um dos aspetos criticados por vários investigadores da área dos Estudos Norte-Coreanos, não apenas por Ryang (vejam-se os trabalhos de Shim, 2014; Choi, 2016; Lankov, 2013; Armstrong, 2011), alertando estes para a necessidade de uma mudança de abordagem e da expansão do estudo deste espaço estrangeiro a outros campos de investigação. Os números que Suzy Kim refere no seu ensaio “North Korean Studies in North America” são bastante elucidativos e deixam claro o quanto a Coreia do Norte tem sido, até aqui, predominantemente estudada pelas áreas das ciências políticas e relações internacionais: «the vast majority, or approximately 75 percent, of all dissertations that include North Korea or DPRK in its title or keyword, falls under political science or international relations» (2014: 549). É então, neste enquadramento, que nascem e são disseminados alguns dos lugares-comuns que irei identificar e sistematizar neste capítulo. Tendo notado a repetição de determinados temas e de uma similar escolha de

palavras para caracterizar o país ao longo de várias leituras, são aqui recuperados esses elementos aos quais chamo de *topoi* e que definem a representação da Coreia do Norte na atualidade.

## 1.1 Referências canônicas e estereótipos

### 1.1.1 O “eixo do mal”

A referência à Coreia do Norte como fazendo parte do chamado “axis of evil” [eixo do mal] adquiriu já um certo estatuto canônico, sendo raro o livro sobre o país que não faça menção, pelo menos uma vez, ao emblemático discurso de George Bush após o 11 de setembro. Enquanto vestígio das dualidades e das tensões estabelecidas durante a Guerra Fria, este discurso teve um papel preponderante na tendência para a demonização da Coreia do Norte a que se tem assistido no decorrer dos últimos vinte anos. Longe do exotismo ligado à imagem de lugares no Extremo Oriente, ao longo dos séculos, a República Popular Democrática da Coreia é vista através de uma lupa quase distópica, que suscita comparações com o universo orwelliano de *1984* (1949). Despindo de humanidade tanto a população norte-coreana como os seus líderes, a representação do país é feita de imagens cruéis nas quais o exagero de certos traços suscita um efeito de aversão. Em *North Korea: Another Country* (2003), Bruce Cumings reconhece este padrão discursivo segundo o qual é descrita a Coreia do Norte:

Judging from our media, North Korea is the country every American loves to hate – beginning with President George W. Bush, who made it a charter member of his “axis of evil” and hoped to “topple” it. CNN never fails to introduce a story on the North using film clips of soldiers goose-stepping through Pyongyang. It is led by Kim Jong II, diagnosed by the well-known expert Greta van Susteren to be “insane or diabolical”. The Central Intelligence Agency (CIA) says it possesses one or two nuclear weapons, along with chemical and biological “weapons of mass destruction” (WMD) and long-range missiles capable of delivering anything from atomic bombs to the smallpox virus along the American West Coast. “What we don’t know is even worse”, or so we are told. A mimetic American commentary unites diverse opinion on one point: this place is a rogue-terrorist-communist-Stalinist-totalitarian-Oriental nightmare, America’s most loathed and feared “Other”. (2003: I)

Nesta longa enumeração de imagens carregadas de um sentido pejorativo, Cumings satiriza o discurso-tipo “demonizador” da Coreia do Norte. A atribuição de uma inerente malvadez ao líder e ao regime norte-coreano, decorrente da posse e do imprevisível uso de armas nucleares, é sinal da continuada antagonização deste espaço. Esta visão um tanto negra resulta em narrativas que obscurecem ainda mais aquilo que está longe de ser claro, reduzindo a uma série de epítetos fáceis e clichês esta realidade aceite como misteriosa e ainda vastamente desconhecida. O entendimento da Coreia do Norte de modo tão simplificado é também sintetizado por Andrei Lankov na resposta à pergunta, “[w]hat does the average Westerner think when North Korea is mentioned?”:

In all probability a number of oft-repeated phrases straight from the media will spring to mind. “A mad country,” “the world’s last Stalinist regime,” “nuclear brinkmanship,” and other similar clichés dominate popular understanding of North Korea. Above all, North Korea is said to be “irrational”. (2013: XI)

Novamente é realçado o papel dos *media* na difusão desta imagem estereotipada da Coreia do Norte que é, assim, posta no saco dos países que fazem parte do “axis of evil”, e com os quais a comunidade internacional tem dificuldade em estabelecer relações diplomáticas pacíficas.

No entanto, os clichês são difíceis de abolir na forma como a alteridade é compreendida. Por isso, mesmo quando Lankov recusa ou desconstrói uma dada imagem da RPDC, acaba por apoiar-se noutra que corrobora a mesma representação negativa. Neste caso, ao rejeitar a ideia de irracionalidade dos líderes acaba por acentuar uma certa perversidade crua por detrás do modo como tomam decisões: «[t]hey [the North Korean leaders] are neither madmen nor ideological zealots, but rather remarkably efficient and cold-minded calculators, perhaps the best practitioners of Machiavellian politics that can be found in the modern world» (*ibidem*: XI, XII).

A cristalização do *topos* que faz da Coreia do Norte parte do pretense “axis of evil”, como se procura demonstrar, está, uma vez mais, ligada à preocupação gerada pelas ambições nucleares da RPDC. Se atentarmos no seguinte estudo, que analisa o discurso político acerca da Coreia do Norte (em inglês e coreano), veremos como este corrobora o presente argumento:

First, English language discourse overwhelmingly conceptualizes North Korea within a national security frame. While keywords in both English and Korean language policy discourse on North Korea center on “nuclear,” “missile,” “denuclearization,” “summit,” and “Kim Jong Un,” the sample highlights additional national security centered keywords in English language policy

discourse, including “sanctions,” “conflict,” “strategy,” “trust,” and “compliance”. (Robertson, 2019: 5)

O esmagador número de palavras que circunscreve o discurso sobre a Coreia do Norte ao âmbito da segurança internacional confirma a ideia de que o país é olhado maioritariamente segundo um prisma político. É este o enquadramento que origina e prolifera o *topos* aqui analisado. Do conflito e da violência com que é identificada a RPDC, decorre, assim, a representação deste país como o inimigo, tendo as palavras de Bush reforçado esta relação de inimizade. Henry Em estabelece ainda uma ligação direta entre este tipo de discurso orientado para questões de segurança internacional, e a ideia de maldade e de irracionalidade associada à Coreia do Norte: «[t]he securitization paradigm portrays North Korean politics as “mad” in the sense of irrationality and unknowability and “bad” in the sense of the motivation and impetus for policy being ascribed to normatively unacceptable characteristics of the state and its leadership» (2021:120).

Em oposição a este modo de olhar a RPDC, alguns autores questionam a estereotipada absolutização do carácter malvado do regime, propondo o movimento inverso, não de demonização, mas de humanização: «North Korean rulers do what they are doing not because they are “evil” or driven by some delusionary ideologies, but rather because they sincerely believe that their current policy has no alternatives, and that any other policy choice will bring ruin to them and their families» (Lankov, 2013: XV). Esta representação da elite norte-coreana, inserida num contexto familiar, é um exemplo de como a imagem daquele país muda consoante a abordagem adotada para o representar. Concentrar a análise noutras dimensões dessa realidade que não a política, nomeadamente, no âmbito social ou familiar, muda o paradigma segundo o qual a RPDC é olhada, obrigando a um ajuste de expectativas e imagens.

### **1.1.2 O país mais isolado do mundo**

Há vários anos foi divulgada uma fotografia da Coreia do Norte que se tornou amplamente conhecida, dado o modo paradigmático como representa o país e como influencia, desde então, a forma como este é olhado. Refiro-me à fotografia de satélite da RPDC, tirada à noite, que deu origem à comparação deste território com um «mysterious black hole» (Demick, 2014: 3). Curiosamente, o que esta imagem tem de impressionante não é o que nela podemos ver, mas antes aquilo que não vemos: a Coreia do Norte. Quase plenamente imerso na escuridão

da noite, o espaço geográfico norte-coreano parece uma mancha negra ao lado dos países vizinhos resplandecentes, envoltos numa enorme quantidade de iluminação noturna. O drástico contraste entre luz e sombra, que encontramos nesta fotografia do nordeste asiático, tornou-a numa das representações visuais da RPDC mais usadas na academia, na política e nos *media*, pela capacidade ilustrativa do isolamento e da alteridade radical da Coreia do Norte face aos restantes países (cf. Shim, 2014: 3). Caracterizado como o país mais isolado do mundo, o também denominado “Reino Eremita” destaca-se pela obscuridade enquanto propriedade e obstáculo ao seu conhecimento.

Este “buraco negro” parece não só ser uma anomalia do espaço, mas uma anomalia do tempo. No meio de um mundo cada vez mais acelerado e caracterizado pelos progressos tecnológicos, o ritmo lento a que decorre a vida na Coreia do Norte, sob a camada fina de pó do passado, afigura-se aos olhos de quem vê de fora uma espécie de lugar parado, fora da marcha cronológica do progresso. É com estranheza e curiosidade, como quem encontra uma relíquia num museu, que nos chegam as imagens desta sociedade regida por um modo de vida antiquado para os padrões da atualidade. A inadequação da realidade norte-coreana aos dias de hoje, dada a discrepância tecnológica e económica que se tem vindo a acentuar, fruto do referido isolamento<sup>3</sup>, levanta questões sobre o lugar (e mesmo se haverá lugar) que possa ocupar este «political living fossil» (Lankov, 2013: XI) no contexto internacional e na presente temporalidade. A verdade é que a RPDC, representada como um país atrasado, incapaz de mudança, é, muitas vezes, vista como um lugar sem futuro, aguardando-se a longo prazo o seu colapso. Deste modo, são disseminadas múltiplas imagens que veiculam a alienação da Coreia do Norte face à realidade partilhada pelos restantes países, de tal modo que, observando a sua órbita cada vez mais distante, é posta em causa a possibilidade de reconciliação com o resto do mundo.

As opiniões, todavia, divergem quanto à durabilidade e à sobrevivência do regime norte-coreano, dando origem a imagens que tanto oscilam entre as de um isolamento empoderado como débil. Investigadores como Andrei Lankov defendem que «(t)he North Korean regime is not sustainable in the long run. Subtle and spontaneous change is gradually eroding the ideological, political, and even economic foundations of the regime» (2013: 258); enquanto outros afirmam o contrário: «When you hear about starvation in North Korea, a lot

---

<sup>3</sup> Esta severa discrepância económica tem-se revelado um dos principais obstáculos a uma eventual união futura da Coreia do Norte e da Coreia do Sul. A cada década torna-se mais difícil (e mais improvável) que esta união venha a ocorrer, também por ser cada vez menos desejada pelos sul-coreanos que antevêm o fardo económico que isso traria ao seu país.

of very level-headed people think, “There is no way a country like that can survive.” Well, I can guarantee you this: I’m here to tell you with absolute certainty those guys will tough it out for centuries just the way they are» (*apud* Cumings, 2003: 210). Por um lado, temos então a imagem de um país vulnerável, que se vai esgotando aos poucos em resultado da dita separação com o resto do mundo. Por outro, temos também uma Coreia do Norte muito segura nesse isolamento, através da reiteração de imagens que destacam a teimosia e a determinação dos norte-coreanos em manter o sistema de pé até aos nossos dias.

As imagens que enfatizam o grau de separação da Coreia do Norte no contexto internacional encerram, portanto, vários matizes. No entanto, há também quem as conteste. David Shim, por exemplo, salienta que, em termos de relações diplomáticas oficiais, a RPDC não é, nem de perto, tão isolada quanto Taiwan (cf. 2014: 5) e, segundo Charles K. Armstrong, a Coreia do Norte nunca esteve tão ligada ao mundo exterior como agora, em resultado das dezenas de milhares de migrantes a sair do país e a circulação de telemóveis (cf. 2011: 368). A grande ajuda económica da China é também um fator sublinhado (cf. Lankov, 2013: XII) e que vem quebrar a imagem de isolamento económico absoluto que é frequentemente associada ao país. Estes autores, ao distanciarem-se dos clichês e tomarem um ângulo de visão diferente, relativizam as certezas e os olhares absolutizantes, e lembram que, por vezes, é tudo uma questão de perspetiva.

A verdade é que a ideia de isolamento que permeia o discurso sobre a Coreia do Norte é também, em parte, uma construção. Se olharmos para os livros acerca deste tema, vemos que estes reproduzem, através da linguagem escolhida, a mesma dinâmica que encontramos na fotografia de satélite do nordeste asiático à noite. Através de um discurso marcado por distinções entre “dentro” e “fora”, define-se o carácter distanciado da relação com este espaço e estabelece-se o eixo de separação segundo o qual é imaginada a Coreia do Norte (e ao qual a referida fotografia atribui realismo). Basta olharmos para os títulos de alguns livros. O nome idêntico das obras *Inside North Korea* de Mark Harris (2007) e de Oliver Wainwright (2018), ao lado de *Inside the Red Box: North Korea's Post-totalitarian Politics* (2010) de Patrick McEachern, ou ainda *Dentro do Segredo: Uma Viagem na Coreia do Norte* (2012) de José Luís Peixoto, são significativos pela presença de um elemento comum. A recorrência ao advérbio “dentro”, ou em inglês “inside”, para descrever o modo como se situam os autores em relação à RPDC sugere que na maior parte do tempo se encontram “fora” dela. Assim, é possível identificar uma espécie de barreira imaginária por meio da qual se vai consolidando a ideia de uma separação absoluta da realidade norte-coreana em relação ao resto do mundo. Também os títulos das obras *North Korea Through the Looking Glass* (2000) de Kongdan Oh

e Ralph Hassig, ou *Comrades and Strangers: Behind the Closed Doors of North Korea* (2004) de Michael Harrold, são indicativos de uma semelhante tentativa de navegar a fronteira que delimita esse mistério. Os advérbios “através de” e “atrás de” (em inglês “through” e “behind”) identificam a mesma tipologia de movimento disruptivo, fomentando uma relação com o país baseada na tentativa de penetração de uma distância invisível que é, simultaneamente, criada por aquele que a procura atravessar. Nesse sentido, a presença no discurso de advérbios como “dentro” (por oposição a “fora”), “através de” ou “atrás de” são sinais de um modo dominante de olhar a Coreia do Norte: um olhar que constrói a divisão que pretensamente desejaria romper, ao mesmo tempo que, segundo os termos dessa separação, cristaliza o imaginário do Outro enquanto distante e distinto do Eu.

A questão do isolamento, que está no centro da tradição discursiva sobre o “Reino Eremita”, apresenta assim várias nuances e surge sob vários formatos nas representações desta realidade. Não sabendo se o país continuará inapto ou aberto a mudança, frágil ou determinado no seu isolamento, o certo é que só será possível atravessar esta barreira se nos deixarmos atravessar por ela primeiro. Afinal, parte da mudança acontece quando nos permitimos ser mudados pelo contacto com o Outro.

### **1.1.3 Um Estado de culto**

Outro aspeto pelo qual a Coreia do Norte é conhecida diz respeito ao seu singular culto de personalidade. A idolatria em relação aos dirigentes políticos não deixa apenas grandes marcas visuais, que definem a paisagem do território norte-coreano (desde o campo à cidade), mas transcorre várias esferas da vida dos norte-coreanos, fazendo-se presente mesmo nas mais breves interações quotidianas. O facto de a realidade deste país ser tão fortemente definida por uma orientação política (e, no limite, por um culto de personalidade) é um dos elementos aos quais é dado mais visibilidade no exterior deste espaço estrangeiro. Isto acaba, então, por determinar a imagem que é construída acerca dos norte-coreanos, compreendidos de modo inseparável do seu líder. Olhemos brevemente para o seguinte excerto, onde Shim condensa vários modos de perceção da população norte-coreana:

(...) sentiments about, and the treatment of, the people of North Korea differ according to whether they are portrayed as a ‘backward and brainwashed nation’ (Anderson 2009) – mediated by images

of mass mobilizations, such as parades, exercises or sport events – as ‘not brainwashed, [but] just miserable’ (Noland 2010) – mediated by images of distress – or as equal to other societies and peoples – mediated by images of joy and pleasure (cf. Lee 2010a). Also, the notion of a faceless and brainwashed horde of ‘ordinary’ North Koreans, also the result of the generic use of images of mass mobilizations, encapsulates a refusal to acknowledge the individuality of these people, thereby implying a repudiation of them being granted the status of fellow humans. (2014: 6)

As imagens referidas por Shim refletem motivos que encontramos com frequência na representação dos norte-coreanos pelos *media*, predominantemente através de paradas militares e de eventos em massa. O resultado desta indiferenciação entre o indivíduo e as massas, sob o signo de uma direção política entranhada na conduta dos cidadãos, é a da representação da população norte-coreana como ignorante e vítima de “lavagem cerebral” às mãos de um regime altamente repressivo e controlador, e para o qual Myers chama a atenção: «[t]he regime in Pyongyang is often accused of “brainwashing” its subjects, as if the former secretly believed something very different, and the latter were passive or even unwilling victims of indoctrination» (2010: 58). Por detrás da passividade e da obediência cega aos líderes, com que os norte-coreanos são caracterizados, David Shim identifica nas referidas imagens ainda outro aspeto: a ausência de reconhecimento da sua própria individualidade. Ao serem maioritariamente imaginados em grupo e em grande número, perde-se a ligação de proximidade com o indivíduo, o que, mais facilmente, permitiria estabelecer um certo grau de empatia. Esta tendência para despir de humanidade os norte-coreanos, decorrente do processo doutrinário levado a cabo pelo governo, suscitou já comparações entre estes e “robôs”. No entanto, em alternativa ao caráter desumano veiculado por esta perspetiva dominante, começam a despontar representações mais compassivas e empáticas que procuram devolver um rosto à indefinida massa de norte-coreanos, através de um acompanhamento próximo do seu quotidiano e das suas relações interpessoais. Estas visões alternativas fazem parte de uma nova abordagem entre os chamados Estudos Norte-Coreanos – menos distanciada e mais centrada no dia-a-dia da população – e na qual Barbara Demick se tornou pioneira, ao escrever o livro *Nothing to envy: ordinary lives in North Korea* (2009).<sup>4</sup>

A demonização que marca a tradição discursiva sobre a RPDC (se é que podemos falar de tradição relativamente a um país que existe ainda há poucas décadas) reflete-se também sob a forma de desumanização, não apenas da imagem dos cidadãos norte-coreanos, mas, de forma

---

<sup>4</sup> Na sua reimpressão em 2014, o título da obra é alterado para *Nothing to envy: real lives in North Korea*. Isto pode ser indicativo de uma procura crescente por autenticidade nos relatos de viagem e por um acesso à vida real (não encenada) na Coreia do Norte.

mais marcada, na dos líderes. Se na propaganda norte-coreana os Kim são a personificação da espontaneidade, ingenuidade e do amor pelo povo (cf. Myers, 2010: 78-79), no discurso estrangeiro a imagem é diametralmente oposta. Caracterizados como irracionais, megalómanos e dotados de uma frieza tal que os deixa indiferentes ao sofrimento da população, a sua representação não podia ser mais negativa. Contudo, identificando a tendência para a redução destas figuras a estes termos, alguns investigadores também sugerem interpretações alternativas do seu caráter e das suas ações, considerando um maior número de fatores. Atentemos, por exemplo, no seguinte texto de Lankov:

Real or alleged proliferation attempts, nuclear and missile tests, and occasional shoot-outs do not reflect the insane bellicosity or irrationality of the North Korean leadership. On the contrary, these actions are manifestations of a quite rational survival strategy that might have no viable alternative if judged from the point of view of Pyongyang's tiny elite. (Lankov, 2013: 257)

O autor, ao adotar o ponto de vista da elite norte-coreana, torna as ações do governo menos absurdas e, em vez disso, descreve-as como o produto de um quadro mais amplo de decisão e de aplicação do poder. Este olhar compreensivo – e não destrutivo – torna também menos alienado o comportamento dos líderes e, simultaneamente, mais humano.

A representação dos norte-coreanos enquanto vítimas que sofrem passivamente às mãos de um sistema repressivo continua a dominar o modo como este povo é imaginado, reduzido à condição de “brainwashed”. No entanto, como se pôde observar, estão também gradualmente a surgir outras imagens da população norte-coreana assentes em perspetivas mais individualizadas e empáticas, sendo que isto será comprovado mais à frente durante a análise dos relatos de viagem.

#### **1.1.4 Um Estado teatral**

Dizer que a Coreia do Norte é um Estado teatral remete para um dos aspetos centrais da tradição discursiva acerca deste país: a ideia de que este é um Estado “falso”, manipulado, no qual os limites entre a verdade e a encenação, o real e a ficção se confundem. O conceito de Estado teatral é inspirado pelo uso que dele fazem alguns investigadores na área dos Estudos Norte-Coreanos. Tanto Heonik Kwon e Byung-Ho Chung, como Suk-Young Kim, se apropriam deste termo, respetivamente, em *North Korea: Beyond Charismatic Politics* (2012)

e *Illusive Utopia* (2010). Nesta dissertação, o conceito será usado para descrever a dinâmica complexa que está na origem da visão estereotipada do “Estado falso”, englobando as estratégias que intercalam o mostrar e o esconder, segundo as quais é imaginado o funcionamento da sociedade norte-coreana: «[i]ndeed, references to the “theater” creates a binary between what is seen and unseen so that places like Pyongyang become the proverbial Potemkin village purely for display, a mere façade, while the people suffer somewhere backstage just so that the show can go on» (Kim, 2014: 536-537). Nesta passagem, Suzy Kim associa o conceito de “Potemkin village” à realidade vivida na Coreia do Norte. A “Potemkin village” é uma construção que existe apenas em aparência e que mascara uma realidade distinta, tratando-se, no fundo, de “uma fachada”. Do mesmo modo, a RPDC é imaginada como um lugar com dois espaços distintos – palco e bastidores –, sendo que o palco constitui a esfera de ação à qual os visitantes do país têm acesso e os bastidores são a zona onde “a vida real” norte-coreana acontece, vedada aos olhares dos estrangeiros. Esta noção de que a realidade está sempre para lá daquilo que é mostrado envolve a Coreia do Norte numa aura de mistério e secretismo que se tornou já indissociável da sua imagem.

A disseminação deste *topos* – a Coreia do Norte como um Estado teatral – desestabiliza os limites do real ao eliminar a barreira entre factualidade e encenação. Suk-Young Kim, em *Illusive Utopia* (2010), considera que: «North Korea is a theatrical state par excellence precisely because it forces a utopian illusion to mandate conditions of real life. [...] [T]he North Korean state, with its well-developed propaganda apparatus, fabricates the foundation of every sociocultural reality» (2010: 14). Segundo a autora, é, portanto, a realidade “fabricada” que se sobrepõe à realidade “verdadeira”, sendo forçada uma vivência segundo regras e normas feitas para perpetuar esse falso estado de coisas. Esta contaminação que Kim refere no seu livro, na qual a ilusão dita as condições da vida real, é problematizada, e levada ainda mais longe, por Baudrillard (agora no contexto da sociedade pós-moderna) ao dizer-nos no seu conhecido livro *Simulacros e Simulação* (1981) que essa simulação acaba, na verdade, por substituir completamente o real.<sup>5</sup> Não pretendendo dispersar-me quanto ao foco deste capítulo, queria apenas com isto apontar as dificuldades que surgem na perceção da Coreia do Norte pelo olhar estrangeiro, ao qual são levantadas inesperadas barreiras e que acaba por construir a sua representação da RPDC num terreno muitas vezes incerto. Compreende-se então onde tem raiz a atitude desconfiada e cética que produz representações deste espaço.

---

<sup>5</sup> «A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real. O território já não precede o mapa nem lhe sobrevive. É agora o mapa que precede o território» (Baudrillard, 1991: 8).

A consciência de que aquilo que é vivido em território norte-coreano pode ser alvo de um exercício de fabricação do real (e considerando a imagem negativa que este espaço ocupa nos imaginários) o resultado é o de que, quando são obtidos vislumbres de normalidade, alegria, segurança e conforto na Coreia do Norte, estes não são credíveis para os seus observadores. Em *Visual Politics and North Korea* (2014), Shim dá um exemplo disso mesmo ao descrever a situação de dois jornalistas que, durante a sua visita ao país, experienciam em vários momentos uma grande sensação de dúvida quanto à veracidade daquilo que lhes é dado vivenciar. Ainda assim:

[a]ware of the possibility that all of what they had seen could have been carefully choreographed for the benefit of the visiting international journalists, they eventually decided against what would presumably typically prevail when confronted with such accounts – scepticism, disbelief and incredibility. Their doubtful response (‘Was it real?’), almost a reflex, itself points to the legitimacy and hegemony of a particular mode of representation that allows only certain perspectives on subjects including poverty, scarcity and distress. (Shim, 2014: 85-86)

Este particular modo de representação, que define a forma como a RPDC pode ser representada, está assim também ligado a este *topos* do Estado teatral que é usado para justificar a relevância dada a certas imagens e a desconsideração de outras, determinando que os vislumbres positivos encontrados na realidade norte-coreana não passam de uma mera fabricação por parte do regime.

Finalmente, a grande dúvida quanto ao “verdadeiro rosto” da Coreia do Norte, que, à semelhança da outra face da lua, parece manter sempre um lado oculto, permanece por resolver em parte, também, devido a essa ideia de que a realidade norte-coreana que conhecemos não passa de uma ilusão. Como tal, a disseminação desta imagem estereotipada da RPDC como um Estado teatral tem contribuído, não apenas para consumir a incerteza e o mistério associado ao país, mas também para a perpetuação de um modo dominante de representação que prescreve como este lugar deve ser imaginado.

Está então na altura de passar à análise dos relatos de viagem, nos quais será possível observar marcas dos vários *topoi* aqui assinalados. No entanto, como veremos, estes não se irão cingir às modalidades de representação identificadas, mas, através deles, irá expandir-se o número de elementos que poderão participar da formação de um imaginário mais vasto deste país.

## Capítulo 2: Um destino, três viagens

Após ter identificado, no capítulo anterior, alguns dos lugares-comuns a partir dos quais a RPDC é imaginada na atualidade, irei agora sair da discussão de escopo mais generalista, sobre discursos produzidos acerca da Coreia do Norte, para me focar nos objetos de estudo a partir dos quais será então analisada a representação deste país. São estes: *Dentro do Segredo: uma viagem na Coreia do Norte* (2012) de José Luís Peixoto, *See you again in Pyongyang: a journey into Kim Jong Un's North Korea* (2018) de Travis Jeppesen e *North Korea Journal* (2019) de Michael Palin. Este capítulo serve não só o propósito de apresentar os relatos de viagem em estudo, mas também para compreender a relação que os autores estabelecem com o lugar visitado e o modo como pensam e descrevem a realidade norte-coreana. Para isso, ter-se-á em conta as respetivas motivações e circunstâncias que estão na origem da visita dos autores ao país, bem como a tipologia da viagem empreendida. Ao longo deste capítulo, e recorrendo a uma reflexão individualizada sobre cada uma destas obras, pretende-se chamar a atenção para as diferenças que estas apresentam entre si e, em última instância, mostrar de que forma é que essas diferenças se traduzem em representações distintas do mesmo lugar.

Contudo, antes disso, irei deter-me em dois pontos que considero que irão beneficiar a presente análise, providenciando ferramentas de aprofundamento da reflexão sobre estas três obras. Visto que me irei focar a partir de agora no estudo de um tipo de texto em particular – os relatos de viagem –, queria começar por tecer algumas considerações a respeito da representação de espaços estrangeiros em relatos de viagem. Além disso, dado que os autores destes relatos formam uma imagem da Coreia do Norte num contexto muito diferente daquele no qual são disseminados os *topoi* identificados no primeiro capítulo, parece-me pertinente fazer também uma pequena introdução a esse espaço segundo esta outra perspetiva: a da Coreia do Norte como destino de viagem.

Neste capítulo, será dada maior atenção à viagem propriamente dita e à experiência pessoal do escritor-viajante para a construção de imagens da RPDC. É verdade que, em certa medida, a “Coreia do Norte” que os escritores encontram já existe antes de pousarem os pés em território norte-coreano, definida nos seus imaginários pelos *topoi* já antes identificados. Ainda assim, veremos como não deixam de ser surpreendidos por aquele espaço estrangeiro, acabando por mudar algumas das ideias acerca do mesmo, e revelando-se, assim, a viagem uma possibilidade de redescoberta, de olhar de novo a Coreia do Norte.

## 2.1 A representação de espaços estrangeiros em relatos de viagem

A representação de espaços estrangeiros em relatos de viagem é uma questão que tem sido objeto de discussão no âmbito académico. Tratando-se de um género literário associado à perpetuação de desigualdades e de discursos hegemónicos da diferença, as narrativas de viagem foram «important documents of statecraft during the colonial period», sendo que «their geopolitical currency helped to foster the popular imagination of foreign spaces as both threatening (which justified colonial intervention) and desirable (which objectified difference and brought it into the orbit of the imperial gaze)» (Lisle, 2006: 141). Tendo ajudado a definir o modo como a diferença é construída e perpetuada, segundo imagens de exotismo e/ou de ameaça, a representação de culturas e lugares estrangeiros em relatos de viagem contribuiu (contribui ainda) para cimentar determinados estereótipos e lugares-comuns acerca deles. Holland e Huggan chamam também a atenção para este ponto em *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*, salientando que «[t]ravel writing in the late twentieth century continues to be haunted by the specter of cliché: its catalogs of anomalies are often recorded in remarkably similar terms. The same words and phrases crop up again and again, the same myths and stereotypes, the same literary analogies» (2000: 5-6). Apesar de considerarem que os relatos de viagem continuam muito ligados à veiculação de imagens estereotipadas de outras realidades e lugares, contribuindo para a perpetuação de certos clichês (e, já agora, de certos *topoi*), os autores reconhecem que estas narrativas podem ser muito mais do que isso, tendo o potencial de subverter uma compreensão homogénea da diferença.

Ao estudar a representação de realidades estrangeiras em relatos de viagem, percebe-se também que essa construção resulta, em grande parte, de uma ideia prévia que o sujeito tem de si próprio e da cultura a que pertence, sendo em oposição (e/ou por meio de comparação) a esta que irá elaborar a imagem do lugar que visita. Por isso, Holland e Huggan consideram que «travel writing, for all its transgressive potential and vaunted claims to see the world anew, looks suspiciously conformist. “Home”, after all, is the frame of reference for most contemporary travel writers» (*ibidem*: 5). Identificando não só o facto de a visão dos escritores de relatos de viagem estar intrinsecamente ligada a uma pertença cultural a partir da qual observam e definem o resto do mundo, também referem que o seu olhar e a sua compreensão dos lugares visitados é muito pessoal. Como tal, caracterizam estas narrativas (que os leitores tendem a considerar fidedignas dado o seu carácter testemunhal) de «“fictions of factual representation”: they claim validity - or make as if to claim it - by referring to actual events

and places, but then assimilate those events and places to a highly personal vision» (*ibidem*: 10) Assim, as representações de espaços estrangeiros que encontramos em relatos de viagem não devem ser encaradas como descrições empíricas e estritamente coincidentes com a realidade contactada, mas antes como o resultado de uma vivência pessoal desse lugar, nelas transparecendo os preconceitos e a sensibilidade próprias de cada autor.

Paralelamente, vemos também como estas representações são elaboradas a partir de um pensamento estruturado por uma rígida oposição entre identidade e diferença que define o modo como determinado lugar é compreendido e descrito pelos visitantes que estão de passagem: «contemporary travel writing spatialises the identity/difference logic in such a way that simple distinctions between here and there are underscored by more problematic arrangements of West/ Rest, safety/danger, and civilised/uncivilised» (Lisle, 2006: 272). Em *The Global Politics of Contemporary Travel Writing* (2006), Debbie Lisle destaca como estas clivagens continuam a ter um papel importante na elaboração de imagens da alteridade cultural, e como estas definem o panorama de pensamento sobre espaços estrangeiros. Shine Choi, no seu livro *Re-imagining North Korea in International Politics* (2016), reflete também sobre estas questões de representação, mas tendo por objetivo último a análise da produção de imagens e discursos acerca da Coreia do Norte. Também ele identifica a mesma estrutura binominal de pensamento presente na citação acima, defendendo que: «[w]hat *also* needs a serious play are the foundational binaries that get mobilized in travelling to “foreign” lands like North Korea, namely modernity/ancient, past/present, authentic/inauthentic and pure/contaminated» (Choi, 2016: 63). Estabelecendo no seu livro uma ponte entre os problemas teóricos que dizem respeito ao estudo de narrativas de viagem e o estudo da representação da Coreia do Norte em textos pertencentes a esse género, esta obra consegue estabelecer uma ligação entre estes dois campos de saber, que muito raramente foram estudados em simultâneo.

Por último, gostaria de aludir a uma questão que está ligada ao papel desempenhado pelos escritores-viajantes nas suas viagens, ou ao seu “estatuto” enquanto viajantes. Tendo em conta que as impressões do lugar estão tão intimamente ligadas ao modo como o sujeito interpreta a sua presença no mesmo, não queria deixar de mencionar o modo como Choi esclarece a ligação entre a imagem da RPDC e a atitude adotada pelos autores ao movimentarem-se pelo território norte-coreano: «an observant, evaluative mode of encountering North Korea» ao qual o autor dá o nome de «mode of detection» (*ibidem*: 58). Para Choi, é significativo o modo como «travelogues and mysteries share the same archetype of a protagonist – whether he/she is a lone traveller or a brooding detective – who solves problems with active roaming eyes and mind and itchy feet» (*ibidem*: 59). É interessante pensar

em que medida os autores dos relatos em estudo nesta dissertação irão encaixar neste papel, e como isto permite compreender melhor o modo como se posicionam (e a forma como se sentem impelidos a comportar-se) nesse espaço estrangeiro. Parece, de facto, haver uma afinidade direta entre a imagem prevalente da Coreia do Norte como «a mystery that needs to be solved» (*ibidem*: 57) e o papel de “detetive” que os autores adotam, em certos momentos, nos seus relatos. Assim, este aspeto para o qual Shine Choi chama a atenção na sua obra revela, na verdade, como a imagem da RPDC – a imagem de um lugar opaco e obscuro, ou “a dark black-hole”, para recuperar uma das imagens do primeiro capítulo – pode ser exagerada pela auto-perceção do autor relativamente ao seu próprio papel durante a viagem.

Após refletir brevemente sobre alguns dos aspetos que influenciam e definem o modo como os espaços estrangeiros podem ser representados em relatos de viagem, e antes de passar à análise das obras em estudo, irei então tecer algumas considerações sobre a RPDC que os autores encontram e experienciam, por vezes bem distinta daquela que é conhecida no contexto internacional.

## **2.2 A Coreia do Norte como destino de viagem**

Nas últimas décadas, a Coreia do Norte tem ganho visibilidade enquanto o país das armas nucleares, o país que integra “o eixo do mal”, o país mais isolado do mundo. No entanto, a Coreia do Norte que os autores encontram e descrevem é muito diferente desta, uma vez que se lhes apresenta sob uma face muito diferente: a turística. Com itinerários bem definidos e guias preparados para conduzir as suas viagens segundo um dado programa, os visitantes ficam alojados nos melhores hotéis do país (ainda que não sejam particularmente bons quando comparados com a oferta internacional) e são conduzidos aos melhores restaurantes, aos mais conhecidos monumentos e divertimentos, passando ainda pelas mais belas paisagens. Este tipo de receção e de preparação da chegada de estrangeiros, pelos vários setores ligados ao turismo na Coreia do Norte, não é um fenómeno recente.

Desde as décadas de 1970 e 1980 que o país recebia já visitas internacionais, apesar de serem quase exclusivamente de cidadãos de outros países comunistas (por exemplo URSS, Alemanha Oriental, Cuba), mas foi, principalmente, a partir do final da década de 1990 que se deu uma assinalável abertura da RPDC a visitantes de outras partes do mundo, incluindo aos

residentes da outra metade da península. Afinal de contas, é nesta altura que é também implementada a “Política do Sol”, ou *Sunshine Policy*, pelo governo sul-coreano, no sentido de promover uma relação de cooperação e de reconciliação com o país vizinho. Durante este período (1998-2008), eram permitidas visitas de sul-coreanos e de outros estrangeiros ao Monte Kūmgang, perto da zona desmilitarizada no lado norte-coreano, tendo sido realizadas milhares de excursões. Apesar de uma morte trágica ter vindo a pôr um fim a esta iniciativa (uma mulher sul-coreana foi morta a tiro ao entrar alegadamente numa zona militarizada, numa dessas excursões), a verdade é que, durante esta época, são reunidas as condições que dão início a uma afluência maior de visitantes à Coreia do Norte. Na última década, em particular, registaram-se os mais altos números de visitas recebidas num ano, sendo que as agências que organizam viagens à RPDC têm vindo a apresentar uma oferta cada vez maior e mais variada de excursões. Em resultado, é também neste período que se concentra a escrita de um maior número de relatos de viagem à Coreia do Norte, entre os quais constam as três obras em estudo nesta dissertação.

Apesar de todas as estruturas desenvolvidas para o turismo na Coreia do Norte, que revelam um considerável esforço em proporcionar experiências positivas e prazerosas aos cidadãos estrangeiros, é de salientar que a atividade turística na RPDC é de natureza altamente proibitiva. Não é possível circular livremente, sem os guias, nos vários espaços e mesmo aceder a muitos contextos sociais. Além disso, impõem-se inúmeras regras à conduta dos visitantes e limita-se muito o uso de tecnologia e do registo fotográfico. Ainda assim, com os anos, certas restrições tornaram-se mais leves, existindo assinaláveis diferenças entre a experiência de José Luís Peixoto, que visita o país em 2012, e a de Jeppesen e Palin, cujas viagens relatadas decorrem, respetivamente, em 2016 e 2018. A entrada de telemóveis é uma delas (proibida ainda em 2012, mas não em 2016). É curioso pensar que uma atividade tão livre e libertadora, como é geralmente entendida a viagem, possa ser conduzida de forma tão restrita e limitada.<sup>6</sup> O itinerário do viajante cinge-se, quase exclusivamente, a lugares de consumo e a contextos sociais preparados, previamente, para a observação estrangeira, de modo a transmitir a imagem duma Coreia do Norte harmoniosa, alegre, próxima do paraíso comunista idealizado pelo Estado aquando da instituição do país. Isto leva-nos a reconhecer uma outra característica do turismo na Coreia do Norte, apontada também por Catarina Nunes de Almeida num ensaio sobre este tema, em que nos diz que: «[a] particularidade do turismo norte-coreano reside no facto de esse impulso para consumir lugares e experiências fotografáveis ser (como tudo ali,

---

<sup>6</sup> Ao mesmo tempo, ainda que dentro desses parâmetros, a viagem não deixa de ser uma atividade subversiva, sobretudo se considerarmos que os norte-coreanos necessitam, e raramente obtêm, vistos para viajar dentro do próprio país, sendo que muitos, ao longo duma vida inteira, não chegam a ver Pyongyang, a capital.

aliás) dirigido pelo próprio Estado» (2022: 140-141). O facto de o contacto do estrangeiro com a RPDC ser sempre mediado pelo Estado norte-coreano vem consolidar o carácter político-ideológico associado previamente à imagem da Coreia do Norte. É essa uma das principais barreiras que impede um contacto mais direto e autêntico dos viajantes com aquela realidade, à qual procuram fugir para auferirem de uma experiência mais livre e individual do lugar, o que, no entanto, se revela praticamente impossível. A propaganda é, portanto, parte indestrinçável da experiência deste país.

Apesar de bastante impopular, é possível reconhecer que o estatuto da Coreia do Norte enquanto destino de viagem tem vindo a ganhar forma no século XXI. Para isso contribuíram vários fatores, entre os quais a diminuição das restrições de entrada e de circulação de estrangeiros; as políticas de restabelecimento da paz na península coreana; o próprio interesse económico do regime; e mesmo a crescente atenção dos *media* face à nuclearização do país, geradora de uma maior visibilidade da RPDC e, conseqüentemente, de maior interesse e curiosidade por esta realidade. A verdade é que a Coreia do Norte se afirma, cada vez mais, como um lugar que preserva uma radical singularidade e uma radicalidade singular. Por isso, pela diferença que esta realidade representa num mundo globalizado e tendencialmente homogêneo, bem como pelo mistério que a sobrevivência deste regime representa, vários visitantes curiosos e intrigados procuram e continuam a empreender viagens à RPDC.

Um dos pontos que considero mais relevantes para a reflexão sobre a Coreia do Norte como destino de viagem, é o facto de esta se apresentar, afinal, como um lugar de acolhimento e de relativa mobilidade, por oposição à habitual imagem do lugar hostil e isolado que domina o modo como é compreendida. Nesse sentido, a viagem apresenta-se como uma oportunidade de redefinição da Coreia do Norte e os relatos de viagem como um meio que privilegia a produção de novos significados do lugar.

Passarei então, em seguida, à apresentação, segundo uma ordem cronológica, das obras em estudo.

## **2.3 Relatos de viagem à Coreia do Norte**

### **2.3.1 *Dentro do segredo: uma viagem na Coreia do Norte* (2012) de José Luís Peixoto**

A viagem de José Luís Peixoto à Coreia do Norte nasce de uma decisão aparentemente espontânea mas que, ainda assim, está longe de ser encarada de ânimo leve. A curiosidade que

o escritor confessa ter por sociedades fechadas e sistemas políticos totalitários já antes o levava a seguir de perto as notícias de países como a Bielorrússia. É com o intuito de compreender, de perto, o modo de vida e o funcionamento de uma sociedade com características tão diferentes daquelas em que sempre viveu que o escritor empreende a viagem e, desde o princípio da narrativa, este receio expresso – de que a distância física e a diferença cultural resultem numa perpétua incapacidade de compreensão humana – apresenta-se como uma das problemáticas centrais da obra. Peixoto reconhece a excentricidade deste seu interesse, que o leva a viajar, ainda em 2012, para a RPDC, e que, mesmo fragilizado pela instabilidade das relações internacionais com este território (na altura, decorrentes da morte súbita de Kim Jong-Il), acaba por levá-lo a juntar-se a uma excursão pelo país, com duração de duas semanas, por ocasião das celebrações do centenário do nascimento de Kim Il-Sung, o primeiro da geração dos líderes Kim.

O escritor português viaja num grupo com pouco mais de vinte pessoas, de várias partes do mundo, e sempre acompanhado por dois guias norte-coreanos, como é regra. Apesar de fazer o trajeto pelo país de autocarro, rodeado de pessoas e sob a vigilância permanente dos guias, parece em muitos momentos que Peixoto viaja sozinho, embrenhado nos seus pensamentos. São poucas as situações em que relata a troca de impressões com outros viajantes, aparentando distanciar-se destes, sempre que possível, para vivenciar determinadas experiências de uma forma mais intimista. Assumindo o papel da testemunha atenta, ainda que “alucinada”<sup>7</sup>, parece minimizar o contacto com os companheiros de viagem e os guias, de maneira a estar constantemente disponível e atento à realidade que o rodeia e ao potencial contacto com norte-coreanos. Este modo solitário de viajar, que evita ao máximo a mediação das suas experiências, enquadraram-no nesse tipo de viajante que repudia a superficialidade e a artificialidade do modelo turístico da viagem e que procura um contacto mais autêntico com a realidade. Infelizmente, quase nunca consegue fugir ao trajeto estrito, planeado e controlado da *Ultimate Mega Tour*, a que acabaria por aderir através de uma agência de viagens chinesa. As exceções mais notáveis são, talvez, a corrida matinal e o momento em que se junta à multidão de norte-coreanos, durante o fogo-de-artifício, no desfecho das celebrações dos cem anos de Kim Il-Sung. Contrariamente a Palin e a Jeppesen, que viajam com um menor número de pessoas e têm um tratamento mais individualizado e especial por parte dos seus guias, Peixoto é apenas mais um entre vários viajantes estrangeiros. Ainda assim, o seu relato é,

---

<sup>7</sup> Peixoto admite sentir que desempenha, com frequência, «o papel da testemunha alucinada, tentando distinguir a realidade real da realidade retórica» (2012: 62).

possivelmente, o mais intimista dos três e em que é dado menos destaque a intromissões externas no processo de assimilação e descrição pessoais do lugar.

Em *Dentro do Segredo*, a representação que o autor português faz da Coreia do Norte acentua a ideia de que este é um ecossistema à parte que admite poucas intrusões, realçando, assim, o estado de exceção da viagem e o seu estatuto privilegiado de viajante com acesso a essa realidade. O seguinte excerto assinala um desses momentos em que o escritor toma consciência da excepcionalidade da sua presença num lugar vulgarmente considerado como inacessível: «Eu estava sozinho entre essas pessoas. Sentia os gritos das crianças, em coro, a atravessarem-me. Eu estava na Coreia do Norte. Muitas vezes, ao longo de todos os dias dessa viagem, essa verdade acertava-me com força: Estou na Coreia do Norte» (Peixoto, 2012: 223). Peixoto, ao expressar certa incredulidade quanto à sua própria presença num lugar como a RPDC, intensifica ainda mais a imagem da Coreia do Norte como um espaço à parte, desconectado da realidade vivida no resto do mundo. Mas, se há momentos em que estas características intrigam e causam um certo fascínio no escritor, noutros tornam-se sufocantes. É, então, com alívio que atravessa de comboio a ponte que liga a Coreia do Norte à China, sentindo «[e]ntusiasmo porque estava farto de tanto controlo, da lógica que norteava aquele culto, estava farto do medo. [...] Tinha saudades da internet, da publicidade, do trânsito. Naquele momento, a China era o símbolo da liberdade» (*ibidem*: 230). O culto, o medo, o controlo são, assim, alguns dos elementos presentes com mais frequência na representação da RPDC e que Peixoto identifica no seu relato.

Ao longo da obra notamos, também, como trabalha com alguns dos estereótipos apontados no capítulo anterior, nomeadamente com o medo e o perigo que circundam a imagem do país. Não é por acaso que começa *Dentro do Segredo* com um excerto do episódio com o qual vai terminar o seu relato, deixando o leitor em *suspense* ao longo de toda a obra, sem saber o resultado da vistoria feita pelo guarda norte-coreano à sua máquina fotográfica, que Peixoto avisa conter fotografias não autorizadas. Este diálogo com um imaginário partilhado é também uma forma de iniciar o seu relato a partir de referências comuns ao leitor, de modo a que este se aproxime rapidamente deste espaço. A fina ironia e o humor são também elementos indispensáveis à sua narrativa e, aliás, transversais às obras em análise, ajudando a suavizar a experiência da viagem num espaço pretensamente sob tensão.

A autoironia e a paródia são, na verdade, alguns dos recursos mais usados nos relatos de viagem, servindo também de mecanismos de defesa por detrás dos quais os escritores-viajantes podem esconder os seus verdadeiros pensamentos. Holland e Huggan referem que:

In their self-presentation, travel writers are often extremely elusive, shifting roles with the same facility as they move from place to place. Now the pedagogue, now the clown; now the traveler, now (even) the tourist. They manage, thus, to benefit from alternative temporary privileges, one moment taking advantage of an honorary insider's knowledge, the next taking refuge in a foreigner's convenient incomprehension. (2000:7)

Estes elementos retóricos, que facilitam a transição do narrador entre diferentes papéis, são também referidos por Lisle, que os identifica, para além disso, como formatos do discurso que ajudam a quebrar a “certeza autoritária” que marca a tradição de escrita das narrativas de viagem. Ainda assim, a autora salienta também que «these strategies (satire and vulnerability) do not go far enough in questioning the privileged coordinates of liberal subjectivity» (Lisle, 2006: 271).

Na verdade, José Luís Peixoto aborda esta última problemática no seu relato, deixando bastante claro que o ato de viajar é inseparável de uma subjetividade interpretativa. Como o próprio diz «[v]iajar é interpretar» (2012: 61), e defende que isto é ainda mais verdade num país como a RPDC, em que «[o] secretismo e as enormes idiossincrasias desta sociedade fazem com que o olhar do viajante seja conduzido por aquilo que leu em livros antes de chegar» (*Idem*). A importância adicional que dá aos livros como chaves de interpretação desta realidade leva-o a preparar a sua viagem com um vasto conjunto de leituras, fazendo inclusivamente referência a algumas delas na sua obra. É o caso de *The Cleanest Race* de B. R. Myers, um dos poucos livros que menciona diretamente e em mais do que um momento (*ibidem*: 46, 117-118), sendo este também um dos livros no âmbito dos Estudos Norte-Coreanos que cito no primeiro capítulo.<sup>8</sup>

Além disso, uma particularidade que distingue o seu de outros relatos, tem que ver com a presença e influência de cânones literário-filosóficos na teia narrativa, e não exclusivamente políticos ou estritamente referentes à Coreia do Norte. As citações de Cervantes, Lao Tsé e Confúcio intensificam a dimensão literária do livro, por oposição às componentes jornalística e histórica mais evidentes nas outras obras em estudo. O facto de *D. Quixote* ser o fiel companheiro de viagem escolhido por Peixoto (preferência que se torna ainda mais insólita, pelas circunstâncias que conferem ao livro de Cervantes quase um estatuto de artigo de

---

<sup>8</sup> Aproveito para mencionar que a sustentação teórica acerca deste tema será feita de forma mais exaustiva por Jeppesen na sua obra, enquanto o relato de Palin apresenta grandes défices a este respeito. Se analisássemos as obras segundo o critério de Michel Onfray, que defende a importância da leitura na preparação da viagem, e nos diz que «Na viagem apenas se descobre aquilo que trazemos connosco. O vazio do viajante traduz a vacuidade da viagem; a sua riqueza produz a sua excelência» (2019: 28), este seria também um elemento crítico diferenciador dos três relatos.

contrabando, visto que o escritor não declara a sua entrada na alfândega) mostra o quanto o seu olhar é mediado por referências culturais familiares. Identificando-se com a personagem de D. Quixote, a quem «[t]ambém [lhe] doía o corpo. Também [lhe] construíam um mundo à volta, apenas com a intenção de o alucinar» (Peixoto, 2012: 146), vemos que o escritor parece servir-se deste livro como forma de manter os pés bem assentes na sua realidade. Peixoto parece ter receio que a imersão numa sociedade em que a realidade é manipulada pelo Estado o impeça de distinguir a verdade da encenação, comprometendo a clareza do seu juízo. Servindo de ponte de contacto para as suas raízes culturais e literárias, *D. Quixote* torna-se uma espécie de jangada na base da qual navega, com mais segurança, o mar do desconhecido que é a Coreia do Norte: «Não foi por acaso que escolhi reler *D. Quixote* na Coreia do Norte. Como ele, basta-me ser fiel à verdade que conheço e em que acredito» (*ibidem*: 62-63). Ao mesmo tempo que o ajuda a não perder de vista as noções-base que regem a sua vida, é a proximidade de valores com a personagem desta obra que acaba por levar o escritor a identificar-se com ela.

Ainda assim, considero que há uma segunda razão por detrás da eleição da obra de Cervantes para acompanhar a sua viagem. Afinal, qual é a pertinência da escolha de um livro do século XVI, acerca de uma personagem que sonha com os romances de cavalaria, para fazer uma viagem no século XXI pela Coreia do Norte? Julgo tratar-se deste efeito de choque entre realidades aparentemente distintas e inconciliáveis que José Luís Peixoto procura criar, deliberadamente, na sua narrativa. Em várias ocasiões, o escritor põe a descoberto os contrastes e as disparidades entre várias vivências que ocorrem em simultâneo, sobretudo através da referência à sua família:

Pai.

E a falar-me de desenhos animados que costumamos ver juntos na televisão, a contar-me detalhes de jogos que costumamos jogar juntos no computador, a dar-me notícias de colegas de escola que também conheço, notícias de festas de aniversário em centros comerciais. E eu ali, na Coreia do Norte, a ouvi-lo num canto de uma recepção de hotel, em silêncio, às escuras. (*ibidem*:76)

É em momentos como este, em que fala de madrugada com o filho através do telefone do hotel, que a inverosímil coincidência entre as duas realidades o leva a experimentar uma espécie de falta de sentido (*ibidem*: 78), o absurdo da sua condição nesse momento, e o leva a perguntar «[o] que faço aqui?» (*ibidem*: 77). Assim, *Dentro do Segredo*, procurando conciliar dois mundos distintos, nunca supera, de facto, a ideia de que há algo verdadeiramente inconciliável entre eles, deixando, em última instância, a sensação de irresolução de um mistério que, no

final, apenas acentua a certeza da brevidade da vida: «[s]e estás a ler estas palavras é porque estás vivo» (*ibidem*: 61, 236).

Por fim, o escritor insiste muito na temática do entendimento e da compreensão humana que, de forma circular, abre e fecha a narrativa. Se, na primeira frase do livro, começa por dizer «[e]u entendia o ódio com que o guarda da alfândega me olhava» (*ibidem*: 9), não é por acaso que termina na última página com um apelo, após incluir um texto seu traduzido para coreano, sem o original em português a acompanhar:

Estamos rodeados de tanto que não entendemos. Um momento como este talvez seja uma oportunidade de apreciar o alfabeto coreano. Talvez seja mais interessante do que olhar para ele e rejeitá-lo logo apenas porque não se entende, apenas porque é diferente. Mais útil é olhar para ele, querer vê-lo. (*ibidem*: 236)

Querer ver, querer ver a realidade norte-coreana, querer ver mesmo não entendendo, parece ter sido o principal desejo do escritor e a sua maneira de se relacionar com a diferença e o desconhecido. Peixoto reconhece a subjetividade – e, portanto, a limitação e a imperfeição – do seu próprio juízo, adotando, ainda assim, um olhar mais ligado à sua experiência individual do que a considerações gerais. Ele sabe também que a verdadeira viagem acontece no interior do viajante, só aí é verdadeiramente transformadora. Peixoto cita ainda as seguintes palavras de Lao Tsé: «[u]m bom viajante não tem planos fixos nem a intenção de chegar» (*ibidem*: 236). Como viajante, também ele não procura chegar a respostas absolutas, a um “destino”, mas continuar a navegar pelos lugares intermináveis do mistério. É esta abordagem que caracteriza, e também diferencia, este livro de outras representações da Coreia do Norte. Aqui não é veiculada uma imagem clara e definitiva da RPDC, como aquela que se cinge apenas aos *topoi* preestabelecidos, mas uma imagem que comporta a irresolução e a inesgotabilidade dos mistérios que dão sentido à escrita. É, assim, sob a forma de um convite que nasce este livro, um convite para navegar dentro de um segredo, sem almejar conseguir revelá-lo.

### **2.3.2 *See you again in Pyongyang: a journey into Kim Jong-Un's North Korea* (2018) de Travis Jeppesen**

Travis Jeppesen, um pouco à semelhança de José Luís Peixoto, admite sentir um certo fascínio por cultos e por sistemas de crença com uma forte vertente ideológica, temática que

fora já antes objeto da sua escrita. Assim, quando um outro escritor de narrativas de viagem o convidou a visitarem juntos a Coreia do Norte, pela primeira vez, em 2012, Jeppesen aceitou o convite. Na altura, conforme refere, «North Korea, from a distance, appeared like a cultish exaggeration» (Jeppesen, 2018: 2). Quatro anos mais tarde, e três viagens depois, o autor norte-americano relata-nos a sua quarta jornada à RPDC, em Julho de 2016, e a mais longa até à data – com a duração de um mês. O relato, todavia, não se ocupa desta visita isolada, mas nasce de uma visão de conjunto das várias experiências e aprendizagens do escritor ao longo das suas múltiplas visitas ao país. Do mesmo modo, esta obra não resulta de um interesse pontual pela Coreia do Norte, mas de inúmeros anos de leituras e de um processo de amadurecimento de ideias sobre a RPDC. As três páginas de bibliografia, no final da obra, são por si só reveladoras de um longo trabalho e dedicação.

*See you again in Pyongyang* é um livro que não segue uma estrutura linear, mas cuja narrativa se desenrola de forma orgânica, intercalando capítulos e secções de um registo diarístico, com outras acerca da História, cultura, arte e sociedade norte-coreanas. Ao longo de toda a obra, o autor vai fazendo, de forma intermitente, referências a leituras críticas acerca da Coreia do Norte, através das quais problematiza e desconstrói inúmeras ideias que dominam o imaginário do país. Simultaneamente, a par dos apontamentos de viagens anteriores, encontramos a transcrição de conversas posteriores, com desertores norte-coreanos, e mesmo a inclusão de partes ficcionais, especulativas, acerca da realidade norte-coreana. A viagem à Coreia do Norte no verão de 2016 parece ser o fio que une as múltiplas frentes de informação e reflexão acerca do país neste relato, não existindo, portanto, uma linha única a conduzir a narrativa, como acontece nos livros de Palin e de Peixoto. Contrariamente a estes, onde todo o destaque é dado à perspectiva do sujeito em viagem, no livro de Jeppesen não parece ser a sua própria história que está a ser contada, mas a história de um povo e de um país: a história da Coreia do Norte.

A distância a que o narrador se posiciona no relato, adotando um olhar participativo mas, ao mesmo tempo, externo à ação, é reconhecida por Jeppesen como parte do seu papel enquanto escritor: «I myself, as a writer, was somehow outside of everything I was observing, outside of history even; that writing somehow made me a ghosted presence, an invisible vehicle that might serve as a meditation filter» (2018: 6). Esta presença constante, mas, simultaneamente, apagada, sob a forma de uma anulação pessoal que favorece um papel mediador mais objetivo, descreve a posição que Jeppesen adota no relato e que o leva a usar muito frequentemente a primeira pessoa do plural na construção da narrativa. A objetividade

crítica e a lucidez do olhar, que esta perspectiva favorece, distanciam-se, por exemplo, da abordagem mais subjetiva e pessoal de Peixoto.

O escritor norte-americano alia, oportunamente, neste livro o pretexto da sua viagem de estudo à Coreia do Norte à tentativa de instruir o próprio leitor acerca do país. Na realidade, esta visita não corresponde aos padrões da viagem turística ao *Hermit Kingdom*, uma vez que decorre da participação num programa de estudo de coreano para estrangeiros, na Universidade de Educação Kim Hyong Jik, em Pyongyang, promovido pela Tongil Tours. Os seus companheiros de viagem são, unicamente, dois outros homens: um jovem francês, Alexandre, e o organizador da viagem através da agência, Alek. A este pequeno grupo são atribuídos dois guias norte-coreanos, a Min e o Roe, que os acompanham durante todo o mês, sendo as deslocações dos cinco, pela capital e pelo resto do país, sempre feitas de carro. A intimidade, o conforto e a flexibilidade para fazer planos, que esse meio de transporte oferece, influenciam, naturalmente, o tipo de experiências que Jeppesen irá vivenciar, como o próprio refere: «[g]iven Alek's long-term business interests and acquaintances with Min and Comrade Kim, who joins us for dinner every few days, we are made to feel less like tourists, more like illustrious guests with a private chauffeur» (*ibidem*: 139). A isto acresce o facto de, dadas as circunstâncias especiais da viagem, o trajeto estipulado se revelar menos rígido, com margem para alterações, e os visitantes terem alguma liberdade de escolha quanto aos lugares a visitar, o que não acontece com Palin nem com José Luís Peixoto. O percurso de Jeppesen é também o menos turístico dos três relatos, visto girar em torno de uma rotina diária de aulas. As suas descrições estão cheias de apontamentos e de relances sobre a vida quotidiana na capital norte-coreana, incluindo um contacto mais frequente com a população. Tanto a imersão prolongada na cultura, como a aprendizagem da língua coreana, representam para o escritor americano uma oportunidade única de sair da bolha turística e de conhecer, internamente, o funcionamento da sociedade, sendo estas as razões que o levam a inscrever-se, sem hesitação, na presente viagem.

Um dos pontos que mais notoriamente diferencia este dos outros relatos em estudo prende-se com o facto de a narrativa condensar uma aprendizagem de vários anos e repetidas visitas ao país. Este período temporal mais longo de contacto, de reflexão e de leituras sobre a Coreia do Norte faz com que este livro seja, não uma primeira introdução à realidade norte-coreana, mas o produto de um processo de maturação e de revisão de ideias acerca da RPDC, do qual o próprio toma nota: «I learned that a lot of what I had been taught to believe about North Korea is false, exaggerated, or distorted» (*ibidem*: 6). O facto de o escritor já ter percorrido um caminho de aprendizagem pessoal acerca da Coreia do Norte permite-lhe reconhecer, com mais clareza, os estereótipos através dos quais este país é caracterizado e

perceber em que medida transmitem uma imagem errada desta realidade. Assim, no seu livro, Jeppesen chama também a atenção para a necessidade de um entendimento mais profundo deste «strange country [...] a country universally demonized, laughed at, feared [...]» (*ibidem*: 2). Incentivando sempre o questionamento do que é tomado por certo, Travis Jeppesen diversas vezes interpela o leitor com perguntas e afirmações provocadoras, como a que cito em seguida: «I knew better than to be seduced by it all, but I couldn't help being charmed. I knew about the nukes, I knew about the concentration camps, I knew about the systematic injustices perpetrated by the regime against the populace. But is that really all there is to it?» (*ibidem*: 3). Um pouco à semelhança de Sonia Ryang, que citei no primeiro capítulo, e que também se pergunta sobre se devemos apenas conhecer a «“nuclear North Korea”, and not “cultural North Korea”, “social North Korea”, or “ethnic North Korea”?» (Ryang, 2009: 2), Jeppesen sugere que a Coreia do Norte é muito mais do que a imagem demonizada segundo a qual é reconhecida internacionalmente, desafiando as «primitive notions [of good and evil] that certain Western politicians like to promote when propagandizing against North Korea (“the axis of evil”)» (2018: 157).

A representação da República Popular Democrática da Coreia neste relato escapa, deste modo, a uma perspetiva unidimensional do país. Jeppesen mostra-nos uma realidade complexa, repleta de contrastes e contradições, e transmite uma imagem, não apenas da Coreia do Norte política e nuclear, mas também cultural e artística. A preocupação do autor é, sobretudo, a de proporcionar um grau maior de compreensão do país e fazer incidir luz sobre essas múltiplas vertentes que têm ficado na sombra dos olhares que o representam; fá-lo, em particular, através de uma reflexão sobre as várias componentes da História da Coreia do Norte (que considera tão mal compreendida). Trata-se, portanto, de uma obra que estimula uma compreensão da realidade norte-coreana de maneira mais ampla, abrindo portas a múltiplas possibilidades de interpretação deste espaço estrangeiro.

Além disso, o autor de *See you again in Pyongyang* menciona o facto de o modo como a Coreia do Norte tem sido representada até aqui estará, em grande medida, ligado a um olhar externo que não deseja alterar a sua forma de ver o mundo, perpetuando os mesmos *topoi* segundo os quais este país é conhecido: «[t]he North Korean regime and its leaders have often been described as irrational. My experiences have made me question that contention and wonder if this “irrationality” is more often than not a label applied by those who do not wish to understand an opponent's worldview» (*ibidem*: 6). Travis Jeppesen sugere que é mais fácil continuar a acreditar que algo é irracional e incompreensível do que fazer o esforço para tentar compreender. É isto que acontece com os estereótipos. São fórmulas fáceis, confortáveis, que

acarretam inúmeras certezas, mas que impedem a abertura e a compreensão da diferença que caracteriza outras sociedades e culturas, assegurando, tanto a viajantes como a leitores, uma distância mental segura. É essa distância que Jeppesen desafia no seu relato:

It is a distance, I now realize, that precludes true understanding. Getting there was the easy part; in order to really be there, to reach that point where I could begin to understand the seemingly incomprehensible, I had to dissolve that artificial distance within myself – that invisible wall that separates “us” from “them”. (*ibidem*: 6-7)

No sentido de concretizar esse desejo, Jeppesen procura anular a distância que o seu olhar, de observador americano, produziria ao assumir o papel de um mediador neutro, uma espécie de ponte que visa estabelecer uma maior compreensão entre os dois lados.

Finalmente, a novidade e a qualidade desta obra estão ligadas à capacidade de fazer repensar o modo como a Coreia do Norte é entendida até aos dias de hoje, traçando um panorama crítico do contexto histórico, político, económico e social do país, e, com isto, ultrapassar uma representação simplista e, muitas vezes, estritamente ideológica da Coreia do Norte. A começar pelo próprio título, este livro anuncia desde o início a sua diferente aproximação ao território norte-coreano, anunciando não uma fuga, mas, inversamente, a promessa de um regresso. Na verdade, é apenas regressando que se descobre que, o que antes se julgava ter encontrado, está, afinal, ainda muito longe de se alcançar.

### **2.3.3 *North Korea Journal* (2019) de Michael Palin**

Michael Palin, conhecido membro dos Monty Python, viaja até à Coreia do Norte, não a partir de um interesse e iniciativa próprios, como Travis Jeppesen e José Luís Peixoto, mas na sequência de um convite especial. Tendo-lhe sido proposto apresentar uma série para o ITN e o Channel 5 na RPDC, a curiosidade e a convicção de que as mais difíceis viagens são as que trazem as maiores recompensas levam Palin a aceitar o convite. Para a maioria dos visitantes do *Hermit Kingdom*, o planeamento da viagem é algo que envolve um longo período de preparação e de espera, mas a rapidez com que é posta em andamento a viagem de Palin é desde logo sinal das condições especiais sob as quais viaja.<sup>9</sup> Visto que esta visita tem o intuito

---

<sup>9</sup> Apesar de este projeto ter ficado também dependente do estado das relações internacionais com a RPDC (que atrasou e pôs permanentemente em risco a viagem durante mais de um ano, entre o final de 2016 e o início de

final de produzir um documentário sobre a RPDC, Palin, na função de apresentador, não se assemelha ao perfil do típico visitante da Coreia do Norte. O seu é um papel mais próximo do jornalista, que se desloca em trabalho, do que do viajante, cujo interesse pessoal pelo lugar está na origem da viagem. Esta distinção é-nos também deixada por Michel Onfray, que no seu livro *Teoria da Viagem: uma Poética da Geografia* explica como a eleição do destino e o desejo da viagem (dois dos capítulos da obra) são elementos essenciais à condição do viajante. Nessa medida, é possível perceber que o comediante inglês não apresenta um olhar especializado acerca do país, dado não existir um interesse duradouro que alimente um conhecimento profundo sobre a Coreia do Norte. A sua visita é bastante espontânea e a sua presença uma casualidade, fruto de circunstâncias externas e não de um desejo íntimo. Ainda assim, Palin deixa-nos uma obra em formato de diário (que serve de contraponto ao documentário produzido) onde regista as deslocações, as conversas, os acontecimentos que pontuaram diariamente a sua estadia na Coreia do Norte, à qual acrescenta ainda considerações e reflexões pessoais acerca da realidade com a qual contacta.

Cedo se percebe também que, tal como o próprio autor não constitui um especialista da realidade norte-coreana, este não é um livro escrito para especialistas sobre o assunto. *North Korea Journal* é, antes de mais, uma obra direcionada a um público alargado e facilitadora de um primeiro contacto indireto com o “Reino Eremita”. Também Palin, à semelhança dos outros dois escritores aqui estudados, identifica a predominância de um modo de representação do país e desmistifica a ideia de que a Coreia do Norte é um completo desconhecido:

Not that anyone could claim North Korea is a complete unknown. There have been books written about it, and accounts from defectors aired on radio and television. Unfortunately nearly all these accounts speak of a cruel, godless, secretive state whose people live in oppression and poverty under the yoke of a ruthless, self-perpetuating dictatorship. (2019: 2)

No entanto, ao contrário de José Luís Peixoto e de Travis Jeppesen, não cita bibliografia crítica (mesmo que a tenha lido), circunscrevendo as referências que faz a um universo popular ocidental<sup>10</sup> e fazendo uso das imagens genéricas que vulgarmente encontramos nas manchetes de notícias. Além disso, vemos que o interesse das informações que contextualizam este espaço estrangeiro dizem, sobretudo, respeito ao estado das relações internacionais com a Coreia do

---

2018), assim que foram recebidos sinais da pacificação temporária destas relações, em poucos meses deu-se a partida.

<sup>10</sup> A título de exemplo, para descrever o grupo de oficiais que o acompanha na viagem, Palin refere que: «[i]n their identical dark suits and ties, they bear a forbidding resemblance to the cast of *Reservoir Dogs*» (*ibidem*: 32).

Norte na atualidade, o que reforça a impressão de que este é um livro com uma marcada vertente jornalística.

Sempre acompanhado por uma equipa de filmagem, dois guias e um grupo de oficiais da Korea International Travel Company e da National Tourism Administration, Palin viaja quase como se fizesse parte de uma visita de Estado. A raridade com que se estabelece um contacto oficial deste tipo, entre a RPDC e países influentes como o Reino Unido, constitui uma oportunidade única para estreitar relações diplomáticas, aqui aliada à possibilidade de mostrar, sob um outro ângulo, o país ao resto do mundo. No entanto, para que isto aconteça, tanto o plano do trajeto, como o modo de deslocamento e as interações com a população são caracterizadas por uma maior rigidez. Todos os encontros com norte-coreanos e as visitas aos mais variados lugares são planeados e organizados ao pormenor, existindo um especial rigor na mediação que o governo exerce no contacto com a realidade norte-coreana. Por detrás do documentário, Palin descreve muitos momentos de negociação relativamente àquilo que pode e não pode ser captado nas filmagens (cf. 2019: 40, 92, 152). Ainda assim, a imagem que passa é a de que há uma maior liberdade e uma menor resistência aos planos de filmagem da equipa do que a esperada: «[...] although there have been robust arguments about how the material might be edited, nothing has met with blanket disapproval. Which is not what any of us had expected» (*ibidem*: 152). No final, resulta da viagem um alargado conjunto de vídeos e imagens da Coreia do Norte, sendo a fotografia um dos elementos fundamentais do livro de Palin.

Com cerca de cem imagens, o tecido do texto é entrecortado por fotografias que ilustram e dão força às palavras. O relato apresenta, portanto, um carácter testemunhal vincado, uma vez que é duplamente apoiado nestes suportes, textual e visual. É, todavia, contestável se a presença de fotografias confere maior veracidade à narrativa. Nos outros dois livros, as imagens fotográficas são escassas e Catarina Nunes de Almeida argumenta que, no caso da obra de José Luís Peixoto, a não inclusão de mais fotografias é propositada, em parte por o autor considerar que as palavras são mais verdadeiras que as imagens, num estado que adota tantos mecanismos de encenação e faz uso de múltiplas formas de propaganda:

A fotografia, como confirmação daquilo que o autor presencia, está irremediavelmente comprometida. Quando José Luís Peixoto aponta a sua objetiva, ele está consciente de não ser mais do que um actor numa cena previamente montada [...]. Assim, poucas imagens ali produzidas terão espaço para o imprevisto ou para a espontaneidade. [...] Por conseguinte, só o texto, no entender do autor, permitirá efetivamente apurar a verdade [...]. (2022: 145)

No relato do escritor inglês, podemos verificar que, de facto, o texto tem também a função de desconstruir os elementos encenados, previamente preparados para serem captados pela câmara. Um dos casos em que isto é mais evidente é o momento em que Palin é fotografado a ajudar no trabalho do campo, com um trator no plano de fundo. Ele explica que:

They [the minders] are worried that my being on my knees in a field will send out the wrong message about the state of North Korea agriculture. The call has gone out for some symbol of modernity, but they're having difficulty finding one.

Eventually a tractor is located, well used, its red paint chipped and fading. It's moved carefully into a position where the camera can see it.<sup>11</sup> (2019: 110)

A denúncia da encenação por detrás das filmagens e das fotografias, através do texto, é uma das particularidades de *North Korea Journal* que torna a sua leitura mais interessante. A problemática da encenação é também muito debatida nos outros relatos, mas a visibilidade que Palin confere a esta questão é aqui particularmente bem conseguida.

Nos relatos em estudo, notamos que os autores veem na viagem uma oportunidade de aproximação a uma espécie de verdade por detrás da camada artificial e obscura da realidade norte-coreana. Contudo, se tanto Jeppesen como José Luís Peixoto procuram compreender mais profundamente a vida e o funcionamento da sociedade na RPDC, reconhecendo os limites daquilo que conseguem compreender, Palin insiste, sobretudo, em tentar fazer compreender aos norte-coreanos a realidade de outros lugares, de maneira a levá-los a admitir as falhas e as imperfeições do próprio regime. O facto de Palin assumir também a função de entrevistador permite-lhe a interpelação direta e, assim, obtém um papel mais ativo, contrastando com a abordagem menos interventiva e a posição de ouvintes a que são relegados tanto o escritor português como o escritor norte-americano. No entanto, a estratégia de Palin não é exatamente eficaz e, durante as suas conversas, depara-se com uma significativa barreira, não humana, mas ideológica. O seguinte excerto contém um dos mais paradigmáticos exemplos das divergências e das dificuldades de diálogo experienciadas:

My hope is that if I'm open about the foibles of our leaders she will be open about her own.

---

<sup>11</sup> Apesar da maior liberdade em fotografar a Coreia do Norte, que se foi notando gradualmente na última década, algumas regras mantêm-se, obrigando, nomeadamente, à captação de imagens de corpo inteiro dos líderes e proibindo fotografias de juntas de bois. Dada a deterioração e o atraso da tecnologia na agricultura, devido também à falta de recursos (por exemplo, combustíveis fósseis), este é um dos aspetos que o Estado tem particular preocupação em esconder. Em vez disso, é encenada a imagem de uma modernidade que não corresponde ao modo de vida na sociedade norte-coreana.

“Our way of life is based on freedom of speech,” I say. “People can be as rude as they like about their leaders. In my country we are able to criticise our leaders if they do something wrong, and like any human beings they frequently do mistakes”.

So Hyang plays it straight back to me.

“That’s what makes us so different,” she replies. “Our leaders are very great. They are not individuals. They represent the masses, so we cannot criticise ourselves, can we? (2019: 123)

Há uma certa ingenuidade e inconsciência na visão de Palin que o leva a cometer algumas imprudências na abordagem que tem para com aqueles que entrevista.<sup>12</sup> Em parte, parece-me que isso pode ser atribuído à insuficiência de leituras e à falta de abertura para um maior desenraizamento cultural. Apesar de tudo, não esqueçamos que o apresentador está rodeado por muitos outros ingleses. Nunca experiênciam a solidão do mesmo modo que Peixoto e Jeppesen, que sofrem com o isolamento e o choque cultural, e que, mesmo rodeados por outros companheiros de viagem, a vivenciam de forma muito pessoal. Palin, pelo contrário, tem uma experiência de viagem gregária; além de que, a presença permanente de uma câmara sobre ele, aniquila qualquer sentido de privacidade, bem como a possibilidade de uma vivência mais intimista do lugar.

A representação que o comediante inglês faz da Coreia do Norte é possivelmente a mais simplista das três. O livro não se caracteriza por uma complexidade de imagens e, mesmo quando aflora determinados temas, fá-lo de forma superficial e fugaz, sugerindo e apontando, mas não aprofundando esses elementos. Também Lisle aponta nos relatos de Palin a ausência de um maior trabalho reflexivo, que resulta em narrativas tendencialmente redutoras, ficando as obras por ele escritas aquém do que se poderia esperar delas:

On the whole, the lack of self-reflexivity in the genre is startling: what exactly is Michael Palin doing in the Sahara? What, indeed, is the point of yet another journey in which he arbitrarily carves up the world? Is there any place left that hasn’t been subjected to his smug and patronising appreciation of cultural difference? (2006: 269-270)

---

<sup>12</sup> Dou conta de um episódio particularmente flagrante, em que Palin não mede as suas palavras e põe a sua guia em risco de arranjar problemas, durante a entrevista:

«The Great Leaders are the heads of the family, she explains. All the love of the people and the love of the country are embodied in them.

I suggest that even the best families have their disagreements. Might there not be things which the leaders do which other members of the family disagree with? I realise almost immediately that I have gone too far» (*ibidem*: 47-48).

Na verdade, ao longo da sua vida, Palin dedicou-se largamente à escrita de relatos de viagem, entre os quais encontramos não só a descrição da viagem à Coreia do Norte, mas também ao Irão, ao deserto do Saara, aos Himalaias e mesmo ao Pólo Norte e ao Pólo Sul. Todavia, apesar do grande número de viagens empreendidas, há uma certa presunção que não o abandona e, segundo Lisle, as suas obras são um exemplo dos problemas de representação da alteridade estrangeira perpetuados neste género literário, sendo esta «unwillingness of travel writers to address the difficulties of representing others» aquilo que revela «the genre's reproduction of power most explicitly» (*ibidem*: 270).

No entanto, se por um lado o escritor inglês revela uma surpreendente falta de pensamento crítico, perpetuando assim determinados estereótipos acerca da RPDC, por outro, a sua atitude descontraída e humorística ajuda a desconstruir o retrato negativo e conflituoso associados à Coreia do Norte, transmitindo uma imagem mais leve e hospitaleira do país. Nesse sentido, acaba por contribuir para um olhar menos duro, mas mais implicado no contacto com essa realidade. Além disso, a percepção de que o seu deslocamento se processou de forma segura também ajuda a desmistificar o medo e a imagem de que este é um lugar eminentemente perigoso. O autor de *North Korea Journal* admite também que a estadia na Coreia do Norte o levou a confrontar-se com os seus próprios preconceitos e a mudar algumas das opiniões prévias em relação ao país:

As the days went by, I realised my preconceptions were distorted. The North Koreans I have encountered are not malevolent automatons. They are locked in a system which demands unbending loyalty, but which in return offers security, and within narrow confines the chance for some to enjoy life and to excel. Those we have met, and those we saw going about their daily lives, were not broken and bowed, but proud of their country and pleased that we were so interested in how they lived. (2019: 154)

Este trabalho de reavaliação da sua ideia de Coreia do Norte, através do contacto direto com essa realidade, leva-o, nomeadamente, a ultrapassar a ideia de que os norte-coreanos são “malevolent automatons”, um dos *topoi* identificados no primeiro capítulo. Em vez disso, Michael Palin questiona a aplicabilidade de generalizações que descrevem como miseráveis, seguidores cegos e malévolos, todos os norte-coreanos, considerando erróneo e não representativo esse ponto de vista. Podemos encontrar aqui, à semelhança dos outros dois relatos, um olhar que restitui um lado humano à população norte-coreana. Para isso, contribuem, simultaneamente, as fotografias em que o inglês se faz acompanhar de norte-

coreanos, que favorecem uma atitude mais empática, por oposição à postura distanciada e defensiva gerada pelas imagens em circulação desse país.

Esta apresentação e análise breves das obras em estudo permitem concluir, de forma preliminar, que os três relatos, ainda que descrevam viagens por um mesmo espaço, resultam em representações diferentes do mesmo. Patenteando aproximações ao lugar e perspectivas distintas, descrevem, respetivamente, uma viagem turística, uma viagem de estudo e uma viagem de trabalho, apresentando diferentes modos de contacto com a realidade norte-coreana. É possível encontrar também várias diferenças no estilo de escrita destes relatos, sendo que Michael Palin adota no seu livro um registo diarístico, simples e quotidiano, enquanto Jeppesen assume uma vertente mais histórica, pontuando a narrativa com descrições e considerações acerca do contexto sociopolítico e económico norte-coreano, e Peixoto adota o registo e o estilo mais literário dos três. Estas narrativas mostram assim diversas facetas da Coreia do Norte, expandindo as possibilidades de representação deste espaço estrangeiro. No próximo capítulo, veremos então, mais concretamente, algumas das imagens que os autores nos oferecem da realidade norte-coreana.

### **Capítulo 3: Imaginar a Coreia do Norte através de relatos de viagem**

No capítulo anterior, observou-se em traços largos o que foi a experiência pessoal dos autores ao viajar pelo território norte-coreano, refletindo não só sobre o seu modo de deslocação e a relação com o lugar e as pessoas, mas identificando também pensamentos e impressões que resultaram do confronto com essa realidade. Segue-se então, neste capítulo, uma análise mais pormenorizada de algumas das imagens veiculadas por essas obras, procurando estabelecer pontes de sentido entre os três relatos. A transversalidade de certos temas nestas narrativas é um dos principais aspetos para os quais aqui se procura chamar a atenção. Ao mesmo tempo, visto que as questões que estas representações levantam dialogam (mais por contraste do que por semelhança) com os *topoi* identificados no primeiro capítulo, o seu estudo permite-nos problematizar o modo como este país é imaginado. Através da referência e análise de um conjunto diversificado de imagens da Coreia do Norte, procura-se também estimular o alargamento de perspetivas segundo as quais o país tem sido compreendido nas últimas décadas.

#### **3.1 A Coreia do Norte como um lugar com História**

As imagens da Coreia do Norte disseminadas no contexto internacional carecem, na maior parte dos casos, de uma dimensão histórica. A RPDC apresenta-se como um lugar que causa preocupação no presente – a sua relevância limitada ao plano da atualidade, sobre o qual paira a constante ameaça nuclear –, mas cujo passado é, em grande parte, desconsiderado ou desconhecido. Contrariamente ao panorama temporal segundo o qual a Coreia do Norte é habitualmente representada (a partir da década de 90, ou seja, com o início da nuclearização do país), observamos que os escritores de viagem aqui estudados descrevem nas suas narrativas versões mais longas e completas da História da RPDC, pela qual o discurso dos guias norte-coreanos está profundamente marcado. Nestas obras, encontraremos então imagens de uma Coreia do Norte profundamente marcada pelas complexidades de um duro passado e não apenas pelos conflitos da atualidade. É também nesse passado que os autores vão encontrar sentidos para explicar a direção político-ideológica tomada pelo regime norte-coreano.

É frequente, em viagens de curta duração a um determinado país, a visita a lugares com uma grande importância cultural e histórica para aquele território. A tipologia das viagens empreendidas pelos três autores permite-lhes, também a eles, ter acesso a locais deste género, que contam partes da História da Coreia do Norte. Como tal, o relato dos seus trajetos é pontuado por visitas a monumentos e a lugares históricos, o que faz com que os acontecimentos do passado façam parte da compreensão deste país no presente. Ao observarem a RPDC a partir de dentro – nomeadamente, a partir das narrativas históricas partilhadas pelo Estado e pelos norte-coreanos –, os escritores apercebem-se também da diferente consciência temporal do país que é cultivada dentro e fora dele. Por exemplo, Michael Palin, inicialmente, entende a RPDC como um país com uma curta existência, desligada de uma historicidade anterior à segunda metade do século XX. É, portanto, com surpresa que descobre, ao conversar com norte-coreanos, que o seu entendimento do passado é mais abrangente do que o autor imaginava:

I've been very much aware of how self-contained this country is, with a narrative that seems only to go back seventy years to the founding of the DPRK. So when I ask my guide if past history means anything to the North Koreans, her reply comes as a rather welcome surprise.

“We can learn a lot of lessons from our history,” she is quick to tell me. “If we know the history then we can accept our mistakes and learn from our weaknesses. (Palin, 2019: 85)

Palin encontra múltiplos sinais da importância que é dada à História na Coreia do Norte, nomeadamente, no investimento num grande número de museus e na avultada construção de estátuas e de monumentos simbólicos em termos históricos, que marcam visualmente a paisagem das cidades norte-coreanas, sobretudo Pyongyang. À medida que vão atravessando o país, os escritores-viajantes notam o esforço que é posto pelo Estado para manter viva a memória desse turbulento passado, de tal modo que Travis Jeppesen acaba por declarar que «[...] this not-forgetting forms the very essence of North Korean identity» (2018: 128), atribuindo à História uma parte central e formativa da identidade norte-coreana. O escritor clarifica-o na seguinte passagem:

In the DPRK, history cannot just be history in the way it is in most developed countries – a dormant thing, lying in the past, a passive actor in the construction of present and future. To North Koreans, it is as though these atrocities [civil war and the American attacks] took place yesterday. They also serve as warnings that the very same thing could very well happen again, tomorrow even – or in an hour from now. Hypervigilance, then, is demanded of all citizens. It is one thing that *makes* you a North Korean: your past, current, and potential victimization at the hands of hostile forces. A nation

whose traumatic past cannot be merely buried but continues to inform the psychopathology of daily life. (*ibidem*: 161)

O escritor norte-americano representa, assim, a RPDC como um país que continua a viver num estado de antecipação de uma hipotética invasão, que, através de uma leitura permanente e muito particular da História, a população continua a ser ensinada a esperar. O impacto da colonização japonesa e dos ataques americanos durante a guerra civil são alguns dos acontecimentos que os autores identificam como mais marcantes da paisagem propagandista e da consciência identitária norte-coreana, formada a partir deles. Este aspeto pode ser identificado, de forma particular, nos museus visitados durante as respectivas viagens.<sup>13</sup> É aí que ganha forma o peso da História na realidade atual e quotidiana dos norte-coreanos – história essa inacabada, como salienta José Luís Peixoto num desses museus: «[t]anto nessa tela, como para milhões de norte-coreanos, a guerra ainda não tinha acabado» (2012: 92). Ao afirmar isto, o escritor português reconhece que estes conflitos não tiveram um fim para a população, enquanto habitantes de um país que está ainda, oficialmente, em guerra. Como tal, os viajantes encontram nos norte-coreanos uma atitude muito defensiva (e, por vezes, um espírito vingativo), que é frequentemente exacerbada nestes museus, como mostra o seguinte excerto:

“Please go back to your countries and spread word of the terrible atrocities suffered by our people. The Koreans never wanted a war. We are the most peace loving people in the entire world.” Then, without a pause: “We will never forget what the American imperialists did to us; one day, we will have our revenge”. (Jeppesen, 2018: 146)

Jeppesen ouve isto de uma guia durante a visita ao museu de Sinchon, um lugar emblemático pelo testemunho visual – brutal – da violência americana aplicada sobre os norte-coreanos durante a guerra civil. Independentemente da verdade histórica descrita pelos guias, os autores não deixam de reparar como o discurso dos norte-coreanos está fortemente marcado por estes acontecimentos e por um sentimento de antiamericanismo. Do mesmo modo, o silêncio dos guias não passa despercebido ao serem mencionados outros difíceis períodos históricos atravessados pelo país. Refiro-me, em concreto, à Grande Fome que teve lugar na década de 1990:

---

<sup>13</sup> Os museus marcam vários momentos do itinerário dos escritores pela RPDC, com a notável exceção da viagem de Palin. Talvez pelo facto de a estadia de Michael Palin no país ser orientada pela produção de um documentário, a visita exaustiva a museus fosse pouco proveitosa. A verdade é que este aspeto é um fator diferenciador dos outros dois relatos, faltando a *North Korea Journal* uma perspetiva crítica da narrativa histórica que os guias norte-coreanos transmitem, de forma insistente e exagerada, aos visitantes estrangeiros.

I ask her about the calamitous famines of the 1990s when North Korea's fragile agricultural system, already reeling from the withdrawal of Russian subsidies after the collapse of the URSS, was struck by drought and floods so severe that hundreds of thousands of people perished (estimates of deaths range from 240,000 to over two million). [...]

Mrs. Kim remains tight-lipped.

"Are things better now?" I ask.

"Yes," she says. "Things are better now." (Palin, 2019:111-112)

Também Peixoto encontra sinais deste silêncio ao passar pelo hotel Ryugyong que, com os seus trezentos e trinta metros de altura e cento e cinquenta andares, é difícil ignorar e que, no entanto, aparenta ser de uma notável invisibilidade para os norte-coreanos. Até aos dias de hoje inacabado, o escritor explica como o excessivo gasto de dinheiro nesta construção antecedeu imediatamente a dramática situação enfrentada pela Coreia do Norte entre os anos de 1994 e 1998, altura essa em que o governo deixou, sem apoio, milhares e milhares de norte-coreanos morrer à fome.<sup>14</sup> Peixoto nota o estranho comportamento da sua guia, que, ao passar por esse edifício, o ignora completamente e se escusa a tecer comentários sobre ele:

A menina Kim, por exemplo, [...] nunca olhou directamente para o hotel Ryugyong que, recorde, estava ali ao lado e chegava ao céu. Após algumas perguntas sobre o hotel, continuou sem olhar para ele, apenas exibiu o seu sorriso mais artificial e disse que estava em construção. Se houve mais perguntas, não houve mais respostas. (Peixoto, 2012: 92)

As marcas do passado da Coreia do Norte estão por todo o lado, quer seja de forma explícita, sob a forma de cartazes e monumentos, ou nos inescrutáveis silêncios da população norte-coreana. Estes relatos dão nota disso e cultivam, assim, nos leitores uma maior consciência histórica acerca da RPDC. Encontramos, portanto, nestes textos, representações de um país e de um povo sofrido e vulnerável, reservado e orgulhoso, em busca de compreensão e de novos ouvintes para a sua História. Talvez pelo facto de o conflito na península coreana não ter tido ainda o seu derradeiro desfecho, é que este passado continua a ter um papel tão significativo no presente. No final das suas viagens, os autores descobrem que esta História adormecida, quase esquecida no resto do mundo, continua viva nos corações dos norte-

---

<sup>14</sup> Sobre este período, veja-se o relato de Barbara Demick, *Nothing to Envy: ordinary lives in North Korea*. Trata-se do resultado de muitas entrevistas a norte-coreanos; Demick conta-nos a história de alguns deles, que viveram na região de Chongjin durante os anos da fome. É com extraordinário detalhe, e uma grande sensibilidade e empatia, que descreve o dia-a-dia dos norte-coreanos, mostrando como atravessaram esse período tão negro da sua História.

coreanos. A Coreia do Norte não constitui então um lugar acabado, mas um lugar em silenciosa e invisível construção – como acontece com a própria História.

### 3.2 A Coreia do Norte em mudança

Por várias vezes, li textos acerca da Coreia do Norte onde os autores partilhavam a impressão de ser este um lugar parado no tempo: a tecnologia ultrapassada ou inexistente; a falta de investimento na renovação das infraestruturas; a decoração antiquada; o modo de vida condicionado pela limitação e pela precariedade dos recursos; os aparelhos e os equipamentos pertencentes a outra Era. É comum encontrar este tipo de imagens quando lemos sobre experiências de viagem pela Coreia do Norte – um ar antiquado que gera a sensação de se ter voltado atrás no tempo. Os relatos de viagem aqui estudados não negam essa impressão, mas fazem também notar os sinais de uma mudança que, simultaneamente, se está a operar naquele país. Durante a última década do século XXI, os autores veem surgir na RPDC novos espaços – nomeadamente restaurantes, cafés, *spas* – que seguem as tendências e a estética atual dos países ocidentais. Ao mesmo tempo, percebe-se também que esta mudança está longe de ser uniforme, ao serem observados grandes contrastes quando se transita entre as zonas rurais – onde a maior parte do trabalho na agricultura é feito manualmente – e a capital – que saúda a passagem dos visitantes com monumentais trabalhos de arquitetura. É esta inesperada contradição que surpreende Michael Palin ao atravessar, de comboio, a fronteira entre a China e a Coreia do Norte e entre a Coreia do Norte rural e Pyongyang. Num primeiro momento, aquilo que vê parece confirmar em absoluto a sua pré-ideia da RPDC como um país atrasado e pobre:

A socialist market economy slips away and a largely unreformed command economy starts to emerge between the flashing beams of the bridge. [...] Instead of cars and shops there are people and bicycles and dusty construction sites. Instead of skyscrapers there are sheds. Activity on either side of the train is modest and the whole place feels sleepy. (Palin, 2019: 24)

A lógica de oposição que aqui vemos caracteriza os moldes usados, habitualmente, para representar uma Coreia do Norte em completa oposição com os chamados “países desenvolvidos”, acentuando a diferença radical do primeiro. Contudo, a visão que Palin confirma ao passar a fronteira cai rapidamente por terra, quando chega a Pyongyang:

Peering out of the window with more than usual curiosity I'm a little disappointed to see a largely conventional modern city, with nothing that immediately catches the eye apart from a futuristic glass pyramid which rises high above the surrounding buildings like something from outer space. (*ibidem*: 30)

A desilusão expressa pelo escritor inglês, ao ver o hotel Ryugyong, decorre desta não correspondência do lugar real com o imaginário construído sobre o mesmo. Os sinais de modernidade que encontra na capital deitam abaixo o entendimento prévio que tinha da RPDC, acabando por descobrir durante a sua viagem, não só diferenças, como esperava, mas também semelhanças com ambientes já conhecidos. Logo à saída do comboio, por exemplo, diz experimentar uma vaga sensação de familiaridade, ao notar certas parecenças com outras estações de comboio na Europa (*ibidem*: 33). Palin terá inúmeras oportunidades de observar o atraso da indústria norte-coreana e de averiguar o estado de debilidade desta economia, mas não deixa de ser agradavelmente surpreendido pelos cafés, restaurantes e complexos comerciais modernos, recém-construídos, que lhe são mostrados pelos guias.

De entre os três, José Luís Peixoto é aquele que veicula, de forma mais unilateral, a imagem da Coreia do Norte como um lugar antiquado e incapaz de mudança. No seu caso, todavia, o fator temporal tem um grande peso. Peixoto viaja para a RPDC em 2012, pouco tempo após a morte de Kim Jong-il e a tomada de posse de Kim Jong-un. Como tal, não experiencia as reformas e as mudanças implementadas pela nova liderança que Jeppesen e Palin observam nas suas viagens em 2016 e 2018, respetivamente. As imagens que o escritor português nos deixa são a da fraca qualidade dos produtos, da comida, e o ar ultrapassado dos espaços onde fica hospedado ou que é levado a frequentar. Mesmo em lugares adaptados à procura e ao gosto dos estrangeiros, Peixoto encontra um forte desgaste. Vemos isto, por exemplo, na descrição que faz do restaurante de hambúrgueres onde almoça num dos dias, em Pyongyang, o primeiro deste tipo na Coreia do Norte: «[t]inha tudo o que os restaurantes desse género costumam ter, mas com pouca sofisticação e com aquele toque de décadas passadas que encontrei sempre na Coreia do Norte» (Peixoto, 2012: 124). Noutra momento, menciona também a falta de materiais novos e a rara substituição e atualização de equipamentos, dizendo encontrar com frequência a imagem de «gente a reparar coisas partidas» (*ibidem*: 148). Estas imagens reiteradas por Peixoto corroboram, no fundo, algumas das ideias estereotipadas que circulam acerca deste país. O escritor português vê ainda a Coreia do Norte como uma realidade

cuja sobrevivência está comprometida pela sua incapacidade de adaptação ao ritmo e às exigências dos nossos tempos, considerando que o seu modo de vida tem um prazo de validade:

Imagino o dia em que alguém tentará imaginar o que foi existir uma sociedade como a da Coreia do Norte. Nesse futuro, falarão daqueles vinte e quatro milhões de pessoas, contemporâneos deste instante, como uma daquelas curiosidades do passado: a construção das pirâmides, o cotidiano de uma sociedade europeia da Idade Média. (*ibidem*: 235)

Ao momento da escrita, José Luís Peixoto olha já para a Coreia do Norte como uma relíquia do passado, destinada a ser ultrapassada e a dar lugar a outros modos de vida e a outros quotidianos. A imagem que nos deixa é, assim, a de uma existência estagnada, parada no tempo, e que, por isso, suscita a curiosidade alheia, enquanto testemunho de uma realidade que não acompanhou os padrões da evolução temporal que caracteriza as restantes sociedades.

Este tipo de discurso, que descreve a Coreia do Norte como uma sociedade atrasada, traduz o mesmo olhar hierarquizante em relação ao Outro que caracteriza o modo como o Ocidente historicamente entende a diferença, e que, de forma paradigmática, Edward W. Said identifica na sua conhecida obra *Orientalismo* (1978)<sup>15</sup>. Como fazem notar também os estudos no ramo da Imagologia, a construção da alteridade é indissociável da imagem que o autor tem de si próprio e da realidade cultural a que pertence: «[e]u “olho” o Outro – mas a imagem do Outro veicula também uma certa imagem de mim mesmo. [...] De certo modo, dizemos também o mundo que nos rodeia, dizemos o lugar de onde partiu o “olhar”» (Machado e Pageaux, 2001: 61). De igual modo, Peixoto, na sua forma de imaginar o Outro norte-coreano, reproduz esta sua maneira culturalmente ocidental de pensamento que perceciona a diferença da sociedade norte-coreana, essencialmente, como uma forma de atraso em relação ao seu próprio universo sociocultural, e no qual esta não tem lugar.

Contudo, veiculando uma perceção diametralmente oposta, chega-nos o relato de Jeppesen. Segundo a sua perspetiva – a única de entre as três que, gerada na sequência de múltiplas viagens àquele país, permite elaborar um olhar diacrónico sobre a RPDC – vários são os sinais de mudança que encontra nesse lugar:

---

<sup>15</sup> Esta superioridade europeia e o entendimento do Outro (em particular do Outro oriental) como primitivo e atrasado culturalmente é referida em vários momentos desta obra, entre os quais o seguinte excerto é exemplo: «[t]here is in addition the hegemony of European ideas about the Orient, themselves reiterating European superiority over Oriental backwardness [...]. In a quite constant way, Orientalism depends for its strategy on this flexible positional superiority, which puts the Westerner in a whole series of possible relationships with the Orient without ever losing him the relative upper hand» (Said, 1979: 7).

After that initial visit in 2012, I returned to North Korea several times. The first was just a month later, to see the Arirang Mass Games, which I wrote about for Artforum. I returned again in 2014 for an architecture-themed tour that enabled me to see the extent to which the city had changed in just two years. That visit gave me further insight into the priorities of the country's new leadership beyond the headlines, the ways that the capital was being transformed and reshaped according to those goals. (Jeppesen, 2018: 4)

À medida que vai contextualizando e caracterizando a evolução socioeconómica e política da Coreia do Norte ao longo das décadas, na sua obra, o escritor norte-americano chama a atenção para as diferenças na liderança política dos Kim, bem como para as mudanças a que esta transição geracional dá azo. O foco do seu livro incidirá, em particular, sobre o impacto do novo líder naquele país. Assim, vemos que Jeppesen não representa uma Coreia do Norte qualquer, mas a Coreia do Norte de Kim Jong Un, como o próprio subtítulo do seu livro indica – *A journey into Kim Jong Un's North Korea*. Este enquadramento é importante para o escritor norte-americano, uma vez que, de acordo com ele, as mudanças que se fazem sentir na sociedade norte-coreana são fortemente marcadas pela sucessão geracional no poder. Jeppesen descreve uma Coreia do Norte em transformação, que apresenta já sinais de grandes alterações nas políticas internas, tomando a forma, por exemplo, da liberalização económica:

[I]n spite of the sanctions and the country's international pariah status, the effects of economic liberalization have been on display since Kim Jong Un came to power. From the beginning, when he gave his first speech and asserted that “our people will never have to tighten their belts again”, development has been at the core of the new regime's domestic policy.

Today, Pyongyang is living testament to this fact. With the ambitious building projects, postmodern and neo-futuristic apartment blocks being erected on entirely new streets in the capital, the city is looking a lot less like a bizarre colorless joke and more and more like a proper East Asian twenty-first-century capital. (*ibidem*: 129)

Para Jeppesen, o rosto da mudança é, sem dúvida, a capital, Pyongyang. É aqui que se fazem sentir os primeiros sintomas da transformação que encontra na RPDC de Kim Jong-un, e que resultam na adesão às tendências do mundo globalizado, dando-lhe uma imagem mais moderna e atual. Vemos, por exemplo, a vasta oferta de estabelecimentos num complexo de edifícios que Jeppesen compara a um «middle American corporate office park», e que inclui «bowling alley, a hamburger fast-food joint, an upscale espresso bar popular among expats, indoor and outdoor skating rinks», não esquecendo que «a large sauna complex has been opened for the *donju*» (*ibidem*: 84). Este é o tipo de experiência gentrificada que se pode encontrar, nos dias

de hoje, na Coreia do Norte. Ainda que fosse impensável para Peixoto encontrar esta realidade em 2012, bastaria passarem alguns anos até depararmos com a representação de Pyongyang como um espaço cada vez mais modernizado e marcado pela referida liberalização económica. Esta transformação não se faz, todavia, sentir unicamente na capital. Palin refere também o caso de Wonsan, outra grande cidade na RPDC, onde é surpreendido pelo enorme investimento na construção de um massivo complexo turístico:

Here, in Wonsan, there are a lot of workers who need exhorting, as a major tourist development, the Wonsan Special Tourist Zone, is taking shape out on the bay. It covers 400 square kilometers and will include hotel beds for 12,000 people, beaches, pools, mineral springs and, according to the tourist brochures, “more than 3.3 million tons of mud with therapeutic properties for neuralgia and colitis. (Palin, 2019: 107)

Este é o outro lado da Coreia do Norte que não estamos habituados a conhecer – a Coreia do Norte dos folhetos turísticos e dos *resorts* de férias –, mas que começa a surgir com mais força durante a última década, graças sobretudo à abertura do país aos viajantes estrangeiros e, conseqüentemente, à representação escrita das viagens. Sobretudo nos relatos de Jeppesen e de Palin, é possível notar que a imagem da RPDC não é exclusivamente marcada pela pobreza, pelo estilo de vida humilde e pela escassez, mas sim pelo luxo de que desfruta a elite norte-coreana de Pyongyang.

As representações da Coreia do Norte veiculadas pelos três relatos permitem, por conseguinte, identificar um contraste ao nível das visões e de opiniões quanto à capacidade de mudança do país. Nesta secção, fui acentuando intencionalmente as diferenças que é possível identificar entre os relatos. Vimos como, ao lado do relato do escritor português, onde predominam as imagens do atraso tecnológico, industrial e agrícola do país, as imagens de Travis Jeppesen surpreendem pela modernização, pelo espírito empreendedor e pelo estilo de vida luxuoso, que o narrador mostra serem também parte da realidade em Pyongyang. A verdade é que estudar o texto de Peixoto, escrito no início da década de 2010, a par dos textos de Palin e Jeppesen, escritos no final da mesma, permite observar imagens distintas daquele país e entrever sinais de uma mudança que está já em curso. Assim, a imagem da Coreia do Norte como um “lugar parado no tempo” surge aqui contraposta à imagem de um país em rápida transformação, sendo que os relatos mais recentes favorecem uma visão tendencialmente mais esperançosa e otimista em relação ao futuro da RPDC.

### 3.3 A dimensão quotidiana da vida na Coreia do Norte

Um dos aspetos mais interessantes dos relatos de viagem que aqui analiso, tem que ver com as descrições e os muitos apontamentos da vida quotidiana na Coreia do Norte que neles estão presentes. Nas três obras, as representações da realidade norte-coreana são, na verdade, feitas numa escala mais pequena, mais individual e mais próxima do indivíduo, resultando em imagens mais detalhadas e intimistas quando comparadas com aquelas que encontramos nos *media* ou no contexto político internacional.

Esta dimensão quotidiana da vida na Coreia do Norte é destacada em vários momentos nas obras, concretamente, no relato da partida dos norte-coreanos para a escola e para o trabalho, de manhã cedo; do funcionamento dos transportes públicos, escolas e fábricas; da passagem pelos parques de diversões; ou dos blocos idênticos de apartamentos e terrenos agrícolas que fazem parte da paisagem diária circundante da população norte-coreana. Todos estes espaços, o palco onde o dia-a-dia tipicamente acontece, são incluídos nos itinerários turísticos pelo país, talvez como resposta ao interesse dos estrangeiros pela esfera pública e privada dos norte-coreanos. No entanto, os autores sabem bem que os lugares que lhes são dados a visitar são escolhidos a dedo e preparados com antecedência para essa visita, resultando, por vezes, mais numa encenação a cargo do regime do que numa observação espontânea do modo de vida dos norte-coreanos. Ainda assim, notamos um esforço, sobretudo por parte de Peixoto e Jeppesen, em tentar escapar a esse exercício de controlo, de maneira a captar vestígios da vida na Coreia do Norte tal como é vivida pela população.

Nas viagens descritas nos relatos, percebe-se o quanto o meio de transporte eleito influencia a experiência que o escritor tem dos lugares visitados. No entanto, se muitas vezes este pode contribuir para que uma certa distância seja mantida entre o viajante e o espaço estrangeiro<sup>16</sup>, nas viagens pela Coreia do Norte, os momentos de travessia do território em meios de transporte terrestres revelam-se oportunidades valiosas para captar lugares e acontecimentos não censurados pelo regime. Por exemplo, no relato de José Luís Peixoto, o

---

<sup>16</sup> Lisle critica o modo como certos escritores-viajantes fazem uso duma “distância confortável” para experienciar os espaços estrangeiros. Confinados no seu meio de transporte de eleição, criam as suas próprias construções relativamente à realidade observada, desligados de uma experiência direta do lugar: «Just as Theroux is distanced from the local others he observes (cocooned as he is in the role of narrator), so too is he distanced from the landscape these others inhabit (cocooned as he is in his train compartment). The train windows in *The Great Railway Bazaar* function as an important filter for foreign territory: they allow Theroux to maintain his distance from Asia and simultaneously to produce it as either devastated or beautiful» (Lisle, 2006: 146). Aqui, as janelas do comboio aparecem como o elemento que filtra a realidade estrangeira, constituindo assim um meio de produzir a diferença de forma segura, que mantém o escritor afastado da realidade que produz.

autocarro é o lugar a partir do qual descreve episódios que acontecem fora dos trajetos definidos para os turistas. É, na verdade, durante as longas travessias das zonas rurais que melhor capta vislumbres da realidade norte-coreana. Percebemos serem também esses os momentos em que os guias se mostram mais preocupados em que sejam feitos registros fotográficos e procuram impedi-los. Por isso mesmo, é do maior interesse para Peixoto relatá-los:

Pessoas de todas as idades a apanharem qualquer coisa miúda da terra ou a partirem pedras com uma pequena ferramenta. Mulheres a carregarem às costas pilhas de lenha, presas a algo com alças, como uma mochila. Um adolescente deitado no chão, a guardar meia dúzia de ovelhas. Seis rapazes pequenos a brincarem dentro de um barco no centro de um lago. Três soldados a passearem com as mãos nos bolsos e a olharem muito admirados. Um homem a pedalar com esforço, carregando um porco morto, preso com cordas na parte de trás da bicicleta. Um rapaz a guiar um grupo de cabras à pedrada, atirando pedras para um e para outro lado.

[...] E homens e mulheres recortados no horizonte, sombras a segurarem enxadas. E um homem a lavar, a rasgar um sulco lento na terra, um arado de madeira puxado por uma vaca.

Aquilo que se via nas bermas da estrada deserta entre Kaesong e Pyongyang.

A menina Kim não se cansava de repetir para ninguém tirar fotografias. O senhor Kim levantava-se do banco em silêncio e olhava para todos os lados. Talvez não quisessem que se mostrasse a agricultura pobre e antiga, com décadas de atraso. (2012: 111-112)

Esta descrição estende-se ainda na narrativa, à medida que José Luís Peixoto enumera todas as pessoas e respetivas atividades que observa do outro lado do vidro. Neste excerto são destacadas, entre outras coisas, a falta de equipamentos e de métodos modernos aplicados ao trabalho agrícola, a dependência quase total da mão-de-obra humana na realização de qualquer tarefa, a ausência de carros e a predominância da bicicleta e da deslocação a pé, bem como a presença de crianças e de jovens entre os trabalhadores do campo. O escritor português mostra-nos uma Coreia do Norte muito atrasada tecnologicamente e representa um país e uma população que vive à base da subsistência agrícola. Estes vislumbres contrastam, no entanto, com as imagens que os guias procuram mostrar aos visitantes estrangeiros, que são conduzidos habitualmente aos melhores sítios e aos mais atuais. A extensa enumeração que aqui vemos é um recurso usado frequentemente ao longo do relato do escritor português, talvez por conceder um ritmo lento e cuidado à observação, ao mesmo tempo que confere uma atenção especial, individualizada, àquilo que está a ser observado. Este é o mesmo Peixoto que desde o início da obra atribui grande importância aos pormenores mais corriqueiros da vida quotidiana, nos quais reside uma parte substancial da riqueza da sua narrativa. Há também uma notória descaracterização física dos norte-coreanos que atravessa o texto, sendo as pessoas apenas

descritas enquanto “homens”, “mulheres” e “crianças”, com a referência adicional à respetiva atividade a que se dedicam no momento em que são observadas – através desta homogeneização procura, talvez, convertê-las em figuras universalmente reconhecíveis.

É também através das viagens de carro que Travis Jeppesen obtém, por vezes, algumas imagens inesperadas da vida na Coreia do Norte. Mais concretamente, é a partir do automóvel que observa uma discussão entre um indivíduo e a polícia, expondo uma violência raras vezes testemunhada por estrangeiros, a qual, pela sua excecionalidade, merece ser aqui citada<sup>17</sup>:

On our way out of town, I witness the police engaged in the act of administering justice. Three officers circle a young guy in his late twenties, shouting. [...] One of the officers grabs him by the collar of the wine-colored shirt that has become so fashionable in Pyongyang of the late and hurls him to the ground. He lands near the foot of another officer, who uses it to boot him in the chest. The guy stands up and grabs his carrying case, as though about to make a run for it; the second officer kicks it out of his hand and punches him in the face, sending the guy flying back to the ground, where he is descended upon by a flurry of punches and kicks. Although it's all happening in bright daylight on a busy street corner, the pedestrian traffic moves coolly past – no one stops to intervene or even watch. (Jeppesen, 2018: 219)

A indiferença que encontra na atitude dos norte-coreanos é sinal de uma reiterada exposição a situações semelhantes. Este tipo de opressão e aplicação de violência direta pela polícia dá conta de uma realidade escondida que, todavia, a liberdade da deslocação de carro lhe permite, ainda que brevemente, captar.<sup>18</sup>

Além disso, Travis Jeppesen adota no seu livro uma estratégia criativa para representar a RPDC que o distingue dos outros dois escritores. Ele recorre ao estilo ficcional para criar uma narrativa verossímil sobre a vida privada de um dos norte-coreanos que conhece na sua viagem. Esta personagem, a quem Jeppesen chama de Comrade Kim, pertence à nova elite norte-coreana, os *donju*, que, devido ao seu poderio económico, vivem vidas desafogadas e privilegiadas na capital (bem diferentes da vida dos norte-coreanos das zonas rurais que Peixoto descreve). Na verdade, logo nos primeiros capítulos de *See you again in Pyongyang*, somos surpreendidos por um relato detalhado do dia-a-dia deste norte-coreano, sob a forma de imagens

---

<sup>17</sup> Podemos encontrar no livro de Jeppesen a referência a outra cena de violência, embora mais discreta (cf. 2018: 167).

<sup>18</sup> É curioso notar como, nas deslocações terrestres pelo território, fora das grandes cidades, chegam aos viajantes imagens menos censuradas da realidade norte-coreana. Os meios de transporte terrestres acabam por representar, nas três obras em estudo, lugares de liberdade e de subversão, valores que desde o início os autores associam à própria viagem.

que denotam uma grande perspicácia e lucidez quanto ao quotidiano vivido por esta classe. É também por meio de uma certa “liberdade especulativa”, permitida pela escrita, que nascem novas formas de imaginar realidades tão diferentes. Nesse sentido, Jeppesen explora bem as potencialidades da escrita para a representação da Coreia do Norte, do qual o seguinte excerto é exemplo:

Comrade Kim Nam Ryong is up at 4 a.m. to the theme from Titanic, set as the alarm on his Arirang smartphone. While his wife and eight-year-old daughter sleep, Comrade Kim does his morning exercises in the living room before sitting down with a cup of tea in the kitchen to read the morning newspaper. There’s the Rodong Sinmun, the Worker’s Newspaper – the country’s main news organ – but also a slew of broadsheets reserved for the eyes of business elites. [...] Like most sophisticated Pyongyangites, he’s become adept at reading between the lines; it is often what is glaringly absent in these rant-like missives that is most revealing. [...] Shortly after Comrade Kim departs for the office at 7, a loud knock resounds. “Get up!” shouts a familiar voice. “Time to clean!”

Comrade Lee at the door. Head of the *inminban*, the People’s residential unit. (Jeppesen,2018:12)

Ao longo das páginas seguintes, Travis Jeppesen continua a descrever o percurso para o trabalho de Comrade Kim, as tarefas no escritório, enquanto vai deixando apontamentos e explicações sobre o ambiente envolvente e o ritmo de vida na capital. Jeppesen representa não só as atividades e as transações comerciais em que estão envolvidos homens com o estatuto e a posição do Comrade Kim, como refere a descrença impronunciada no sistema, o controlo que permeia os seus dias (incluindo a permanente vigilância da *inminbanjang*), mas também o modo como as elites dão a volta a esse controlo e têm, por exemplo, acesso a filmes e músicas pirateados.

A imagem que o narrador nos deixa é a de uma vivência adaptada às exigências e às imposições do regime, mas às quais os indivíduos nem sempre aderem, tendo aprendido a reconhecer também as falhas do governo e as lacunas do sistema e aproveitando-se delas para se moverem com um pouco mais de liberdade. Nesse sentido, os norte-coreanos não coincidem, no relato de Jeppesen, com a imagem dos “brainwashed robots”, adeptos cegos do regime, mas são representados como estando silenciosamente conscientes das suas imperfeições, aceitando o *status quo* sem necessariamente concordarem com ele. Esta é, no entanto, uma imagem que é fruto de um prolongado contacto do escritor com norte-coreanos das classes económicas mais altas, viajados pelo mundo, e, portanto, tendencialmente mais conscientes de outras realidades e narrativas que escapam aos moldes da propaganda do Estado. José Luís Peixoto, por exemplo, sendo acompanhado durante todo o seu trajeto por guias que encarnam o papel dos mais

fervorosos adeptos do regime, representa os norte-coreanos de maneira muito diferente. Recorda, particularmente, tanto a ausência de reação destes ao ouvirem histórias altamente inverosímeis (Peixoto, 2021: 55), como as suas reações exageradas, que incluem acessos de choro, quando é revisitada a morte de Kim Il-sung (*ibidem*: 56). Neste aspeto, o seu ponto de vista vai muito mais ao encontro daquele que é expresso em representações mais convencionais dos norte-coreanos.

É de notar que não mencionei até aqui o livro de Palin. De facto, no relato, o comediante inglês parece estar mais focado em si e menos recetivo à captação de detalhes da vida na Coreia do Norte que escapem aquilo que é transmitido pelos guias. Nota-se, portanto, poucas vezes, esse exercício de descentramento. Contudo, é também verdade que, sendo ele o elemento principal a partir do qual é produzido o documentário, o controlo exercido sobre os ambientes que frequenta é muito maior, sendo seguido em todos os momentos por uma câmara e por uma equipa de filmagens. Através dos olhos de Palin, acabamos por descobrir mais sobre o modo como os norte-coreanos querem ser representados (e suas tentativas de manipulação das imagens) do que sobre a realidade dos norte-coreanos que não aparecem nas câmaras. Todavia, há um episódio neste relato que vale a pena incluir aqui. Curiosamente, acontece também numa travessia de autocarro pelas más estradas do território, quando, depois de aterrar em Samjiyon, muito a norte no país, Palin é conduzido até ao hotel mais perto da Montanha Baekdu. Lá fora, no frio da noite iminente, distingue inúmeros vultos a trabalharem de forma altamente organizada na floresta. Mais tarde, em resposta ao seu interrogatório, dizem-lhe que se trata de uma nova cidade «which is being built by one of the Shock Brigades, a term coined by the URSS to describe highly motivated workers with fiercely competitive productive goals. There is no money for machinery so they have to build massive developments by hand» (Palin, 2019: 134). A mesma pessoa que partilha essas informações salienta também que «[t]hese people are not forced to work in these conditions. It is an honour to be part of the Shock Brigade» (*idem*), tendo a própria pessoa que o narra feito parte de uma dessas brigadas durante vários anos. A naturalidade com que é encarada a realização de trabalhos daquela natureza e naquelas condições diz muito sobre a dureza da vida em algumas partes da Coreia do Norte, bem como das pesadas obrigações que recaem sobre a população. Sempre segundo uma lógica de glorificação dos líderes, é-lhes inculcado um grande espírito de auto sacrifício, sendo continuamente incentivados a serem os mais rápidos e os melhores. Assim, vemos como o país que os norte-coreanos conhecem lhes exige uma entrega pessoal e uma dedicação quase sem limites.

Há ainda um último episódio que gostaria de mencionar. De entre as narrativas aqui estudadas, Jeppesen é, talvez, o autor que de forma mais clara mostra que a relação dos norte-coreanos com o país é baseada no medo. Em *See you again in Pyongyang*, o escritor norte-americano narra um episódio preocupante em que Min, a sua guia, se apercebe que perdeu um cartão SIM contrabandeado que continha música estrangeira. Sendo um crime possuir esse tipo de conteúdo na RPDC, Jeppesen descreve o pânico de Min e a ansiedade que a situação causa a todos, sobretudo aos norte-coreanos presentes (2018: 251, 256-258). Este acontecimento leva, inclusivamente, à alteração dos planos da viagem, obrigando-os a voltar para trás e a procurar o cartão no hotel onde haviam ficado alojados (busca essa, todavia, sem sucesso). O mesmo Jeppesen que representa uma Coreia do Norte onde a posse deste tipo de *media* se tornou, de certo modo, banal, é também aquele que é confrontado com os limites desse processo de abertura, já que continua a implicar riscos e a sujeitar os cidadãos a severas penalizações no caso de serem apanhados a exercer essas transgressões. A imagem do medo e da inquietação nos olhos de Min, enquanto revira todas as malas no carro à procura do cartão, dispensa palavras e mostra que nem os norte-coreanos mais privilegiados estão isentos das pesadas penas impostas pelo regime em caso de infrações. Em última instância, os visitantes estrangeiros são aqueles que enfrentam as menores consequências e aproveitam as maiores liberdades, não lhes sendo aplicadas muitas das regras, nem das penas, impostas à restante população. Por isso mesmo, percebemos também, nestes momentos, que a Coreia do Norte que os autores conheceriam não é exatamente a mesma Coreia do Norte dos norte-coreanos.

De um modo geral, os três narradores reconhecem que a sua condição privilegiada, de turistas ocidentais, lhes dá acesso a uma liberdade de deslocação e a um estilo de vida naquele espaço que está muito acima do que seria possível à esmagadora maioria dos norte-coreanos. Assim, se nos relatos os autores representam uma Coreia do Norte mais amigável e hospitaleira para estrangeiros do que aquela que tinham imaginado antes de ali chegarem, fazem-no em paralelo com a produção de imagens que refletem o quanto a realidade nesse país (com o seu duro sistema legal) é difícil para a população local. Quando Jeppesen nos diz que o valor de um expresso está muitas vezes acima do salário mensal de um trabalhador norte-coreano comum (2018: 93); quando Peixoto descreve as mãos profundamente encardidas da criança a quem oferece um aperto de mão (2012: 164); quando Palin nos conta acerca do grande número de vultos de norte-coreanos a trabalhar lá fora ao cair da noite (2019: 132), percebemos que, de facto, mais do que significar uma potencial ameaça para o resto do mundo, o regime na Coreia do Norte, sobretudo, exerce numa base diária o seu poder e o controlo sobre as vidas dos norte-coreanos.

### 3.4 Representações da humanidade norte-coreana

« “Countries are countries,” she translates. “But people are people”»

Travis Jeppesen, *See you again in Pyongyang* (2018)

Um dos aspetos mais valorizados e que mais entusiasma os autores relativamente às suas viagens à Coreia do Norte prende-se com a oportunidade de interagir com a população norte-coreana. Talvez numa viagem a qualquer outro lugar, a interação com a população local não fosse um motivo de tão grande antecipação. Contudo, o facto de ser quase impossível contactar com norte-coreanos fora do seu próprio país contribui para a elevada expectativa criada pelos escritores-viajantes em torno deste contacto. Assim, as inúmeras conversas, gestos e/ou confidências partilhadas com os habitantes do território norte-coreano adquirem um maior significado, sendo as descrições de alguns destes momentos aquilo que confere um valor adicional a estas três narrativas. Nesta parte última do capítulo final, é para estes fragmentos que chamo a atenção.

A escolha da inclusão destas imagens nos relatos em estudo também diz muito sobre o modo como os autores percecionam e se situam no panorama das representações da Coreia do Norte que surgiram nas últimas décadas. Travis Jeppesen, por exemplo, pronuncia-se desde o início quanto às abordagens que estão por detrás das tentativas de representação da RPDC, esclarecendo que a sua própria abordagem está diretamente ligada à crença de fundo numa humanidade comum que o aproxima dos norte-coreanos, mas lamenta, simultaneamente, que esta dimensão humana tenha sido tantas vezes posta de lado por discursos oportunistas de guerra e vantagem política. O autor declara que «empathy is still too radical a tactic to take», sendo que «[i]t is much easier to demonize than to empathize, which is why the former is so preferable to politicians, who care more about protecting and promoting their own self-image than the risks of engagement with an Other» (*ibidem*: 262). É em manifesta oposição a esta atitude de exclusão, que Jeppesen vai procurar aproximar-se dos norte-coreanos ao longo do seu relato e assim narrar as suas histórias.

Em *See you again in Pyongyang*, o leitor acaba assim por ter acesso a múltiplas conversas, bem como breves mas significativas confissões. A proximidade e a intimidade da convivência com os guias e os colegas de viagem dão, nomeadamente, lugar a múltiplos

episódios de franca partilha, como aquele que cito em seguida, em que Min, a guia norte-coreana, revela algumas das suas fragilidades<sup>19</sup>:

We talk about fears rooted in our childhoods. Min confesses that she actually doesn't like travel, being away from home for a long time. If I'm most afraid of falling, Min's greatest fear is solitude. "When I was a kid", she tells me, "my parents worked all the time. I was always left alone. After school, I'd come home, but my parents were never there – they'd always be working. I'd have to wait outside, alone, in the street until after dark." (*ibidem*: 273)

A história de Min, que o escritor vai tentando descortinar aos poucos durante o relato, é pontuada por muitas inquietações que o leitor percebe não serem, especificamente, norte-coreanas, favorecendo uma relação empática com a jovem guia. Em tom de confiança, são partilhados medos e pensamentos pessoais num relato que se afasta da típica imagem abstrata e amorfa dos norte-coreanos como uma massa coletiva, para dar lugar a uma caracterização mais concreta e individualizada da população. Imaginar Min, uma norte-coreana, em criança, à porta de casa, à espera dos pais até ser noite, coloca-nos muito longe da imagem da cega idolatria dos líderes que associamos aos norte-coreanos, e muito mais perto de infâncias difíceis que fazem parte da realidade de qualquer país. A vulnerabilidade expressa por Min apanha o leitor de surpresa e abre brechas num imaginário em que os norte-coreanos são frequentemente representados como seres sem emoções e impenetráveis. Pelo contrário, neste relato são representados como indivíduos que partilham inquietações e ambições, sonhos e interesses, tal como qualquer outra pessoa.

Em *North Korea Journal*, as interações de Palin com norte-coreanos são sempre alvo do escrutínio de uma câmara, o que acaba por comprometer o grau de sinceridade e de intimidade das partilhas. Visto que todo o seu percurso e programa diário, incluindo as pessoas a quem deve dirigir-se e com quem deve conversar, são previamente planeados, acaba por ser difícil encontrar imagens que não sejam permeadas por um sentido de superficialidade e artificialidade típico das interações programadas. O exemplo mais próximo de uma relação genuína que aí encontramos é, de facto, aquela que mantém com os guias, uma vez que o convívio prolongado e, gradualmente, descontraído favorece a troca mais genuína de palavras e gestos. Ainda assim, não é num contexto a dois, mas sim mais amplo, que podemos encontrar

---

<sup>19</sup> É interessante reparar como, dada a convivência dos estrangeiros com norte-coreanos ser quase exclusivamente com os guias, é com eles que Palin e Jeppesen encontram momentos de comunhão, em que se sentem unidos por uma humanidade comum. Já Peixoto tem de encontrar esses momentos noutros lugares, visto que acaba por estabelecer uma relação muito fria com os seus guias, que estão sempre dentro do papel de representantes do regime e nunca de cidadãos comuns.

uma das mais emblemáticas imagens deste relato, que encerra um clima único de espontaneidade. Ao chegar ao relvado de um parque de diversões, Palin depara-se com um ambiente de grande festa:

There is so much spontaneous celebration going on that our minders are finding it hard to control where and whom we film. [...] Every inch of grass and woodland is occupied by festive families or groups of friends, most of whom have a Korean barbecue on the go, and some are insistent on me joining them. [...] There's also much dancing to music played at full volume from portable radios the size of small suitcases. I'm pulled into the ring by both men and women and at one point have a wreath placed on my head by the grandfather of a picnicking family. It turns out he's had more than a few sojus and some of the younger members of the family usher him away from our camera disapprovingly.

It's quite a liberating day. (Palin, 2019:70)

Nas circunstâncias descritas, Michael Palin entra num lugar onde o controlo (e o autocontrolo) aparenta ser muito menor do que aquele a que tinha sido habituado. Contrastando com a rigidez do ambiente e das pessoas que encontra em outros lugares, o escritor observa a forma como decorrem, com naturalidade, as atividades e jogos ao ar livre, ao mesmo tempo que observa a dinâmica familiar, a conduta e a alimentação dos norte-coreanos naquele contexto. A inclusão de Palin no clima de festa, intensificado pela dança e pela música, é inesperada, sobretudo com a aparição de um avô um tanto embriagado, que lhe coloca uma grinalda na cabeça, o momento alto de toda aquela explosão de espontaneidade. Este vislumbre da vida dos norte-coreanos em tempo de lazer proporciona uma imagem única de um acolhimento caloroso e de uma inclusão raramente imaginadas.

José Luís Peixoto, o mais solitário dos três, não estabelece, ao contrário dos outros, relações de proximidade com os seus guias, tendo apenas por confidente e companheiro o D. Quixote, personagem do romance que o acompanha. Ainda assim, o interesse e a atenção pelo modo de vida quotidiano na RPDC levam-no a conhecer alguns momentos de inclusão e de genuína interação com norte-coreanos, fora do contexto de grupo. São descritas prolongadas trocas de olhares, o toque fugaz das mãos de uma criança, ou ainda a experiência de união que sente com uma multidão de norte-coreanos, momentos nos quais Peixoto parece encontrar a humanidade comum de que fala Jeppesen, e que dá também sentido à sua viagem. No seguinte excerto, Peixoto descreve um desses momentos:

Estávamos quase a chegar à cooperativa agrícola quando passámos por uma mulher a quem estavam a cortar o cabelo no quintal da sua casa. O carro ia muito devagar por causa dos buracos e tive a sensação de que os nossos olhares se tocaram. Eu aos solavancos dentro de um carro. Ela no centro do quintal, sentada numa cadeira, com uma toalha à volta do pescoço. Estávamos a ter dias muito diferentes, as nossas vidas eram muito diferentes, mas houve aquele instante em que nos olhámos. Como se, por um instante, tivéssemos tido acesso à realidade um do outro e, logo a seguir, nos separássemos para nunca mais nos voltarmos a cruzar. (Peixoto, 2012: 177)

O escritor português revela uma sensibilidade apurada para captar na brevidade de momentos como este (em que se encontra num autocarro em andamento), vislumbres da realidade norte-coreana e para estabelecer algum tipo de contacto com a população local. Também para ele o mais importante são as pessoas, a motivação última que o leva a embarcar nesta desafiante viagem. Neste excerto encontramos a descrição de um sentimento de comunhão, ainda que fugaz, entre duas vidas distintas que convergiram naquele lugar e naquele instante. O acesso a uma circunstância tão corriqueira, mas que se revela, ao mesmo tempo, tão pessoal, dá-nos uma imagem da simplicidade do dia-a-dia norte-coreano.

Há, no entanto, uma outra imagem que me parece excepcionalmente marcante e à qual não podia deixar de fazer referência. Trata-se da ocasião em que o escritor, antes e após sair do carro em direção ao Grande Teatro de Hamhung, observa um grupo de miúdos que interage entre si, mas que se mantém a uma certa distância dele e dos restantes turistas:

Dei um passo lento na direcção de um desses rapazes, o mais vivo, o que falava mais, ria mais e estava mais perto. [...] Dei outro passo. [...] Dei outro passo, ele continuou no mesmo lugar. Estendi-lhe a mão e ele, destemido, como se tivesse de ser rápido porque poderia queimar-se, estendeu-me também a mão. [...]

A sua mão era preta. A sujidade subia-lhe pelo pequeno pulso e pelo antebraço que estava à mostra sob uma camisa de adulto com as mangas dobradas. Os seus dedos, finos, pequenos, estavam gelados. (*ibidem*: 164)

A imagem de José Luís Peixoto a apertar a mão a uma criança norte-coreana, onde a dureza da sua vida está precisamente espelhada, é comovente e, por um momento, quase parece fazer abrandar o ritmo da própria leitura. O silêncio e a solenidade deste contacto desprendem-se da dimensão que este gesto comporta. Raramente interações não controladas como esta acontecem, especialmente com crianças. Por isso mesmo, a intenção e o desafio que reside nesse aperto de mão tornam-no ainda mais impressionante e significativo. A representação da Coreia do Norte como um lugar onde este tipo de interação é possível – onde não têm lugar

apenas gestos de agressividade e violência, mas também gestos pacificadores e de comunhão – tem o potencial de transformar a imagem unilateral e negativa, ou a atitude crítica e distanciada, que predominam no discurso internacional relativamente a este país.

Próximos uns dos outros, percebemos que os protagonistas destas viagens são marcados, ao nível pessoal, por episódios, conversas, interações verbais e não-verbais com norte-coreanos. A importância que é dada, nos relatos aqui estudados, às relações interpessoais estabelecidas mostra que os autores se deixam também afetar e influenciar por elas; que essas relações moldam a sua experiência do país e, no limite, que estas suscitam uma mudança de olhar sobre o mesmo.

## Conclusão

Comecei esta dissertação referindo que a Coreia do Norte é compreendida, quase exclusivamente, a partir do ponto de vista político, sendo que a maioria das imagens pelas quais este país é conhecido nascem no contexto mediático internacional. Identificaram-se então, no primeiro capítulo, alguns dos *topoi* aí perpetuados, que sintetizam o modo como a RPDC é imaginada na atualidade. Concretamente, fez-se referência à imagem da Coreia do Norte enquanto parte integrante do “eixo do mal”; à leitura relativa a um profundo isolamento, aliado a um grande controlo do governo, deste país em relação ao resto do mundo; e ainda às associações a um estado teatral, no qual os norte-coreanos “brainwashed” veneram os seus ditadores e se esforçam por passar uma imagem mais favorável da realidade norte-coreana do que aquela que é aí vivida. Uma vez conhecido o contexto que tem dado lugar à construção de imagens e discursos em torno da Coreia do Norte, procedeu-se então ao estudo da sua representação em relatos de viagem. No segundo capítulo analisaram-se as três obras individualmente, observando-se as diferentes modalidades e objetivos das viagens, bem como as diferenças na representação da Coreia do Norte que daí resultam. Por fim, na última parte, agruparam-se várias imagens encontradas nos relatos segundo temas identificados como transversais aos textos. Isto permitiu, simultaneamente, uma maior facilidade no estabelecimento de um diálogo e de comparações com os lugares-comuns acerca da realidade norte-coreana sintetizados anteriormente.

O estudo das diferentes representações da Coreia do Norte (em particular, das imagens da realidade norte-coreana patentes em relatos de viagem) facilitou a identificação de um conjunto alargado e diversificado de imagens deste país. Este aspeto foi ao encontro de um dos objetivos iniciais desta investigação: expandir o leque de perspectivas, pontos de vista e modos de entender a Coreia do Norte. A escolha das três obras que constituem o *corpus* desta reflexão foi determinante, na medida em que veiculam formas distintas de compreensão e de encontro com esta realidade:

Indeed, what makes these texts so politically interesting are those moments when they break out of their discursive limitations and create new possibilities for understanding encounters with difference. It is precisely because travel writing requires this encounter with difference that it reveals so much about the shifting authorities that divide us from them, here from there, and the present from the past. (Lisle, 2006: 262)

É também deste encontro direto com a diferença, destacado por Lisle, que nascem várias representações alternativas da Coreia do Norte, quando comparadas com aquelas que estão presentes no discurso mediático (ou mesmo académico) internacional. Refiro-me, por exemplo, às imagens mais centradas no indivíduo norte-coreano e na vida quotidiana na RPDC, que estão presentes nos relatos de viagem de Peixoto, Jeppesen e Palin (às quais dedico a análise que desenvolvo nos últimos dois pontos do terceiro capítulo). Na verdade, o surgimento deste tipo de imagens mais individualizadas e quotidianas da sociedade norte-coreana é ligado por vários investigadores no âmbito dos estudos norte-coreanos à própria mudança que identificam quanto ao tipo de curiosidade nutrida pelos observadores no que respeita a este país<sup>20</sup>:

If studies that focused on North Korea's external action and nuclear problem for the US strategic concerns proliferated in the past, there is a growing sense that North Korea observers are now – finally – interested in learning about not only the North Korean institutions but also about ordinary North Korean people's lives, culture and so on. (Choi, 2016: 13)

Assim sendo, em paralelo com a aparição de estudos académicos que encarnam esta nova tendência, focada em estratégias de representação decorrentes de um contacto mais direto com a RPDC, também os relatos de viagem transparecem esta mesma preocupação em contactar e reproduzir de forma mais factual e objetiva a realidade norte-coreana.

À margem do que analisei até aqui ficam algumas questões que merecerão mais atenção e desenvolvimento em estudos futuros. Uma delas é o problema da autenticidade na representação da Coreia do Norte. Algo que é desejado, de igual modo, por Peixoto, Jeppesen e Palin é o acesso ao “verdadeiro rosto” da Coreia do Norte e a reprodução de imagens autênticas deste lugar. Contudo, este desejo de autenticidade (não apenas por parte dos autores, mas também dos leitores) parece ser particularmente difícil de satisfazer relativamente a um país como a Coreia do Norte, uma vez que, muitas vezes, os eventos e os espaços são fabricados pelo regime, exclusivamente, para o olhar do turista. O estudo acerca da (im)possibilidade da representação de uma Coreia do Norte “autêntica” – um tema ligado ao *topos* do “estado teatral” e à problemática da simulação e fabricação de verdade –, a que me refiro no subcapítulo 1.4, seria interessante aprofundar em trabalhos posteriores a este. Ou ainda, levando noutra direção esta temática: questionar a procura do viajante por autenticidade, num lugar onde o real é extensamente fabricado e está inserido numa temporalidade hipermoderna na qual, segundo Baudrillard (1991), o simulacro toma já o lugar do real.

---

<sup>20</sup> Veja-se também, a este título, o estudo de Charles K. Armstrong (2011: 358).

O conjunto de representações da Coreia do Norte, enquanto espaço estrangeiro, está longe de ser abrangente, existindo ainda muitas lacunas e muitas sombras por conhecer. Espera-se que algumas das imagens identificadas neste estudo promovam a leitura de diferentes facetas daquele país. As divergências que foi possível encontrar no que toca à imagem literária da Coreia do Norte e à imagem mediática internacionalmente divulgada parecem-me ser aquilo que confere maior interesse à leitura destes relatos. Na medida em que não se encontram em estrita conformidade com o imaginário dominante deste espaço estrangeiro, estas obras favorecem assim o alargamento das modalidades de representação e de entendimento da RPDC – sendo que a difícil e problemática relação da comunidade internacional com a Coreia do Norte poderá, eventualmente, beneficiar da sua leitura.

## Referências Bibliográficas

Almeida, Catarina Nunes de. “Uma viagem na Coreia do Norte: a fotografia como um certificado de presença” in *Pars Orientalis: Estudos sobre escrita e viagem*. Lisboa: Documenta, 2022, pp.125-149.

Armstrong, Charles K.. “Trends in the Study of North Korea”. *The Journal of Asian Studies* 70, no. 2 (May 2011): 357-371.

Baudrillard, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

Choi, Shine. *Re-imagining North Korea in International Politics: Problems and alternatives*. London and New York: Routledge, 2016.

Cumings, Bruce. *North Korea: Another Country*. New York and London: The New Press, 2003.

Demick, Barbara. *Nothing to Envy: Ordinary Lives in North Korea*. New York: Spiegel & Grau, 2009.

Demick, Barbara. *Nothing to Envy: Real Lives in North Korea*. 2<sup>nd</sup> ed. London: Granta, 2014.

Em, Henry. “North Korea as Neighbor: Critical Scholarship on North Korea”. *Korea Journal* 61, no. 3 (Autumn 2021): 112–146.

Harris, Mark. *Inside North Korea*. San Francisco: Chronicle Books, 2007.

Harrold, Michael. *Comrades and Strangers: Behind the Closed Doors of North Korea*. Wiley, 2004.

Holland, Patrick e Graham Huggan. *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.

Jeppesen, Travis. *See you again in Pyongyang: a journey into Kim Jong Un's North Korea*. New York: Hachette Books, 2018.

Kim, Suk-Young. *Illusive Utopia: Theater, Film, and Everyday Performance in North Korea*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2010.

Kim, Suzy. "(Dis)orienting North Korea". *Critical Asian Studies* 42:3 (2010): 481-495.

Kim, Suzy. "North Korean Studies in North America". *Yōksa wa hyōnsil* ("Quarterly Review of Korean History") 93 (2014): 529-550.

Kwon, Heonik e Byung-Ho Chung. *North Korea: Beyond Charismatic Politics*. Rowman & Littlefield Publishers, 2012.

Lankov, Andrei. *The Real North Korea: Life and Politics in the Failed Stalinist Utopia*. New York: Oxford University Press, 2013.

Lisle, Debbie. *The Global Politics of Contemporary Travel Writing*. New York: Cambridge University Press, 2006.

Machado, Álvaro M., e Daniel-Henri Pageaux. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. 2a ed., revista e aumentada. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

McEachern, Patrick. *Inside the Red Box: North Korea's Post-Totalitarian Politics*. New York: Columbia University Press, 2010.

Myers, B. R.. *The Cleanest Race: How North Koreans See Themselves – And Why It Matters*. New York: Melville House, 2010.

Oh, Kongdan and Ralph C. Hassig. *North Korea through the Looking Glass*. Washington, D.C.: Brookings Institution Press, 2000.

Onfray, Michel. *Teoria da Viagem. Uma Poética da Geografia*. Lisboa: Quetzal Editores, 2019.

Palin, Michael. *North Korea Journal*. London: Hutchinson, 2019.

Peixoto, José Luís. *Dentro do Segredo: Uma viagem na Coreia do Norte*. Lisboa: Quetzal Editores, 2012.

Robertson, Jeffrey. “Is Pyongyang Different in Washington and Seoul? English and Korean Language Policy Discourse on North Korea”. *On Korea: Academic Paper Series*, published by the KEI (25 April 2019).

<https://keia.org/publication/is-pyongyang-different-in-washington-and-seoul-english-and-korean-language-policy-discourse-on-north-korea/>.

Ryang, Sonia (ed.). *North Korea: towards a better understanding*. Lanham, MD: Lexington Books, 2009.

Said, Edward W.. *Orientalism*. New York: Random House, 1979.

Seth, Michael J.. *North Korea: A History*. London: Palgrave Macmillan, 2018.

Shim, David. *Visual Politics and North Korea: Seeing is believing*. London and New York: Routledge, 2014.

Simões, Maria João (coord.). *Imagotipos Literários: Processo de (Des)configuração na Imagologia Literária*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2011.

Wainwright, Oliver. *Inside North Korea*. Cologne: Taschen, 2018.